

Entre paredes e afetos

**Prosa e Poesia
na Quarentena**



IFCE - *Campus* Tianguá

Entre paredes e afetos

Prosa e Poesia na Quarentena

Tianguá - CE,

2021.

Presidente da República Jair Messias Bolsonaro	Organização Benedito Gomes Rodrigues Daniel Aguiar e Silva Hivi de Castro Sperandio Sóstenes Renan de Jesus Carvalho Santos Suelem Maquiné Rodrigues
Ministro da Educação Milton Ribeiro	Revisão gramatical Daniel Aguiar e Silva
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica Ariosto Antunes Culau	Ideia da capa Ana Lorena da Silva Góis
Reitor José Wally Mendonça Menezes	Diagramação e capa final Elias Figueiroa Inri de Luna Lima
Pró-reitora de Ensino Cristiane Borges Braga	
Diretor-Geral do <i>Campus</i> Tianguá Jackson Nunes e Vasconcelos	
Diretor de Ensino do <i>Campus</i> Tianguá Clemilton da Silva Ferreira	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E61 Entre paredes e afetos: prosa e poesia na quarentena / Organização [de] Benedito Gomes Rodrigues [et. al.]; Revisão gramatical [de] Daniel Aguiar e Silva; Capa [de] Ana Lorena da Silva Góis; Diagramação [de] Elias Figueiroa Inri de Luna Lima. – Tianguá: IFCE, 2021.
98 p.

E-book
Modo de acesso: Internet
Recurso digital (1,2 MB)
Formato: PDF
Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-65-87470-11-5 .

1.Poesia Cearense. 2.Prosa Cearense. 3.Quarentena. 4.Pandemia
– Séc. XXI. I.Sperandio, Hivi de Castro. II.Santos, Sóstenes Renan de
Jesus Carvalho. III.Rodrigues, Suelem Maquiné. IV.Título.

CDD B869.1

Catalogação na fonte: Elda Lopes Lira – CRB9/1295

Epigrama n.º 5

*Gosto da gota d'água que se equilibra
na folha rasa, tremendo ao vento.*

*Todo o universo, no oceano do ar, secreto
vibra:
e ela resiste, no isolamento.*

*Seu cristal simples reprime a forma, no instante
incerto:
pronto a cair, pronto a ficar - límpido e exato.*

*E a folha é um pequeno deserto
para a imensidade do ato.*

(Cecília Meireles, Viagem)

Prefácio

Quando caíram as primeiras folhas do mês de janeiro de 2020, o mundo ainda não tinha noção do que estava por vir. Aos poucos, no entanto, o cenário global foi se modificando, e o medo e as incertezas tomaram conta do cotidiano da humanidade. Assim, o estado de pandemia ocasionado pelo novo coronavírus foi reconhecido e decretado pelos órgãos mundiais da saúde e, conseqüentemente, deu-se início ao chamado distanciamento social.

Imersos nesse contexto inesperado, afastados da rotina que nos oprime, mas também nos sustenta, passamos a experimentar a condição de “cativeiro” invisível. Redimensionados nessa clausura imposta e tomados por incertezas e pensamentos complexos, fomos invadidos por diversos sentimentos.

Limitamo-nos a viver no microcosmo humano de nossas residências, obrigados a conviver bem mais de perto com tudo o que somos, representamos e significamos. Era hora de desvelar uma convivência imposta consigo e com os mais próximos de nós. E nessa nova condição, muitas vezes, o ato da escrita é um alento ao desassossego. Talvez por isso, o multifacetado poeta português Fernando Pessoa afirmou que “A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida”.

Desse modo, cientes da importância da escrita e das leituras literárias, sobretudo em momentos de crises subjetiva, políticas e sociais, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *Campus Tianguá*, lançou o concurso intitulado **Um convite à escrita subjetiva**, voltado aos docentes, servidores e estudantes de todos os *campi* do IFCE. Todos foram convidados a partilhar, por meio da escrita, dos sentimentos e sensações experimentadas em plena pandemia.

E por isso aqui está consolidado este trabalho coletivo: **Entre paredes e afetos: prosa e poesia na quarentena**. A obra segue dividida em cinco seções, motivadas pelas temáticas comuns aos textos. Neles, é possível um verdadeiro mergulho na individualidade de seus autores e autoras, a partir da condição coletiva de distanciamento social que se impôs a todos os recantos do país.

Na primeira seção, “Sustos, rotinas e afagos”, deparamos com as vivências iniciais trazidas pelo isolamento, face aos sentimentos que a rotina inesperada despertou. Um novo cotidiano, permeado de medo, de afeto e de desassossego. É impossível não se identificar com os textos, deixando-se levar pela sensação de empatia com o que ali é revelado.

Já na segunda seção, que leva o nome de “Repensar o tempo, repensar a vida”, é possível mergulhar no rio de águas profundas e confusas do isolamento imposto, águas nunca antes navegadas e que fomos levados a enfrentar. Aí vemos ainda um misto de melancolia e esperança que exalta a tentativa humana de tudo significar. Revelando a beleza de contemplar o simples e o comum, traduzindo-os em belas reflexões.

Chegando à terceira seção do livro, nomeada “Sonhos, memórias e sensações”, é perceptível a tentativa de registrar tudo aquilo que, muitas vezes, é inexprimível, não fosse a expressão literária. Ou seja: quando o ato de dizer nada mais é que um caminho a ser percorrido para algo muito maior, que vai além da concretude das palavras. É o momento para se deixar levar pelo rio de palavras nascidas da alma.

Na quarta parte da obra, “Realidade, estranha realidade”, somos convidados a adentrar a construção das memórias individuais que tornar-se-ão, por vezes, coletivas nessa condição comum do tempo reconfigurado. Aqui, caro(a) leitor(a), o discurso é um estado de espírito e a escrita é uma condição para resistirmos.

Com a quinta e última seção, “Percepções subjetivas e recomeços”, é possível perceber como as palavras andam de mãos dadas com os sentimentos de tristeza, dúvida e incerteza, que ancoram na esperança, tão necessária para seguirmos por tão profundas transformações às quais o enfrentamento dessa pandemia nos conduziu. São inevitáveis as reflexões ao deslizar os olhos pelas linhas escritas.

Este livro ganha, assim, enorme significado ao traduzir, em prosa e em poesia, a memória individual que representa coletivamente um contexto ímpar que o ano de 2020 nos trouxe. A organização desses textos em coletânea, que resultou nesta singela obra, é um ato de dar voz a inúmeras sensações,

pensamentos e sentimentos despertados em meio a tudo que este tempo nos obrigou a viver.

A escrita subjetiva será sempre uma maneira de proporcionar futuros entendimentos acerca do que se passou. Além disso, é possível, por meio desses textos, compreender e partilhar diversas percepções, tão humanas e singulares diante do inesperado. Portanto, essa obra prefigura uma genuína experiência de perceber-se com e pelo outro. É hora de descortinar as múltiplas realidades e fazer fluir as reflexões. Entre paredes e afetos, o convite à leitura está lançado!

Suelem Maquiné Rodrigues

Tianguá (CE), novembro de 2020.

Sumário

<i>Prefácio</i>	5
<i>Parte I – Sustos, rotinas e afagos</i>	10
Quem diria?	11
Pátria “Amada”, <i>Brazil</i>	14
Preciso trabalhar	15
A janela.....	17
Hoje	19
Flâmulas incessantes.....	20
Uma freada brusca	23
<i>Parte II - Repensar o tempo, repensar a vida</i>	25
A vida que nos tem.....	26
Borboleta branca.....	27
Tempo	30
Da minha janela.....	32
O ontem, o amanhã, o recomeço	34
Espera.....	36
Dias vazios	37
A meta	39
Números.....	41
<i>Parte III - Sonhos, memórias e sensações</i>	42
Confissões	43
Saudade e esperança	45
Nada substitui um olhar	46
Quase um soneto pleno	47
Carta para minha avó.....	48
Amor, humano amor	49
Círculo vicioso	51
Retalhos de um sonho.....	53
Tempestade.....	54
Avoante em tempo de caça	55
Uma carta para mim.....	58
Corpo existe: todo nascimento supõe um rompimento	60
Reza do exílio.....	62
<i>Parte IV - Realidade, estranha realidade</i>	63

Impasses em meio ao caos.....	64
O novo dis(curso) da Humanidade.....	66
[Sem título].....	68
Percepções sobre o isolamento social e o covid-19.....	69
Realidade.....	71
Relato de uma pandemia	73
Rastros da coroa (corona)	75
Entrega	81
O combate contra um gigante invisível.....	83
Cunhada popular.....	85
Sentimentos do isolamento social	86
<i>Parte V - Percepções subjetivas e recomeços</i>	<i>88</i>
Cacarecos	89
Poesia azaleia	91
Esperança	92
Dúvidas de quarentena	94
Autópsia do meu último dia como humano.....	95
Senda.....	97
Saudade e esperança	98
Ela	99
Que saudades das minhas desgraças.....	100
Céu negro	101
Estrela, cosmos, barro e o Criador	102
Um verso do andarilho.....	104



Parte I – Sustos, rotinas e afagos



Quem diria?

Maria Jamile Costa Fontenele
Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

I

Ouvi falar em um caso
Mas pouco dei atenção
Pois era coisa distante
Do meu pedaço de chão...
Segui com os meus ‘passeio’
Ah! Segui nas ‘procissão’
Mas com pouco eu assisti
Aumentar a confusão...

II

Vi país rico com medo
Do povo todo morrer
Por causa de um tal vírus
Que ninguém podia ver
Mas que passava ‘facinho’
Fazendo o tal mal crescer.

III

Vi país daqueles grandes
Enterrando 100 por dia
E os ‘caso’ que ‘era’ pouco
A cada hora crescia
Setecentos, oitocentos
E mais o peito doía
Pensando naquela gente
Que ia perder a ‘famia’.

IV

Mais por teimosia humana



Ou por motivos mais além
De tantas idas e vindas
Do constante vai e vem
O vírus do estrangeiro
Chegou no sertão também
Derrubando o rico formoso
E o pobre que nada tem
Matando 'véi' e a criança
Sem perdoar a ninguém

V

Foi aí que a confusão
Cresceu então desmedida
Pois num país como o nosso
Cheio de gente sofrida
A rotina foi mudada
Até eu fui atingida
Pelo tal isolamento,
A medida preventiva,
Que apesar de tão frustrante
Pode vir salvar a vida.

VI

Minha igreja? Tá fechada!
Minhas 'aula'? À distância.
A 'famia'? Escondida,
Tentando ter esperança
E rezando por aqueles
Que dizem não vê mudança
E 'tão' pra cima e pra baixo
Na maior da ignorância

VII

E assim vamo seguindo



Cada dia mais doentes
E aqueles caso isolado
Se 'tornaro' mais frequente.
Tem cristão que tá morrendo
Encostadinho da gente
E os que não caem por vírus
Padecem das suas mentes

VIII

E das horas conhecidas
Daquelas todas do dia
Tem umas perturbadoras
Que causam mais agonia
Quando se perde um parente
Também perde companhia
E o medo vai e aumenta
E diminui a alegria

IX

E olhando o que se passa
Piorando a situação
Fico pensando: e agora
Qual será a solução?
Será que fica alguém
Nesse pedaço de chão,
Ou será que o ser humano
Entra agora em extinção?



Pátria “Amada”, *Brazil*

Adão Lopes da Fonseca
Ibiapina – CE | *Campus* Tianguá

Desviando-se do ápice da pandemia,
Respeitara severamente o isolamento
Pensava consigo: “quem subestimá-la se atreveria?
Lançando-se a semelhante sofrimento?”

Cegos sequazes submetiam-se a isso,
Saindo cedo das suas mansões
Cientes da sujeira desse compromisso,
Semeando insanidade em sujas ações

Por vezes sentou-se só,
Com constância sentia-se menor,
A insegurança em apoiar-se em esperanças,
Saltava-lhe o rosto, soprava lembranças

E surtou ao saber dos onze mil,
Ao passo que uma seita sórdida e vil,
Insistiu em aglomerar-se impassivelmente,
Sobre a sepultura de sua própria gente.

Preciso trabalhar

Nayana de Almeida Santiago Nepomuceno

Fortaleza – CE | *Campus Acaraú*

Acordei, tomei banho, fiz café, tomei café, lavei os pratos, organizei a casa, liguei o computador. “O Senado aprovou o pedido de reconhecimento de calamidade pública enviado pelo Governo Federal diante da pandemia de coronavírus”. Preciso trabalhar.

O celular toca. Minha mãe fala: - *Você soube? Meu tio, a esposa e o filho estão internados com Covid-19.* Não, eu não sabia. - *Que triste! Qualquer novidade me avisa.* Preciso trabalhar.

Leio o artigo. Faço o curso à distância. - *Vamos almoçar o quê?* Meu esposo questiona. - *Não sei, qualquer coisa.* - *Não temos muita opção, precisamos ir ao supermercado.* Certo. Coloco luvas, máscaras, prendo o cabelo.

Entramos no carro e vamos ao supermercado no bairro vizinho. No caminho percebo que os ônibus estão lotados. Moro em um bairro periférico. Aqui, ficar em quarentena é um privilégio. Eu sou uma privilegiada. A maioria das pessoas precisam trabalhar presencialmente, são camareiras, cozinheiras, *motoboy*s, taxistas, comerciantes, autônomos.

Chego no supermercado. Todos de máscara. Sinto-me estranha. Não vejo as pessoas e os objetos da mesma forma de outrora. Tudo parece uma fonte de contaminação. Não quero me contaminar. Não posso me contaminar. Tenho pessoas queridas no grupo de risco.

No caminho para minha casa, vejo muitas pessoas de máscaras caminhando nas ruas ou sentadas nas calçadas. Por que essas pessoas se expõem? Não dá para entender... mas quando observo melhor as casas, consigo imaginar o motivo. A realidade é que muitas residências em áreas de vulnerabilidade não trazem conforto. O aconchego do pobre não é a casa, é a rua.

Chego em casa, tomo banho, higienizo item por item do mercado... E enquanto assisto televisão e penso “*Que loucura é essa? Será que isso é real mesmo?*” “O Brasil já tem mais de 16 mil mortes por Covid-19”, diz o apresentador do jornal. É real. Que horas são? Tenho reunião online. - *As aulas irão retornar remotamente.* - *E os alunos que não têm acesso a internet de qualidade? A educação deve incluir, não excluir.* - *Está decidido.* O telefone



vibra, chegou mensagem da minha mãe “Meu tio e a esposa morreram, o filho continua internado”. Meu Deus!

Preciso escrever o projeto. Ligo o computador. “Governador decreta *lockdown*”, “presidente diz que vai fazer churrasco em sua casa”. Escrevo o projeto. Meu esposo sai da ligação que estava fazendo no celular e diz: - *Minha mãe, irmão e cunhada estão com febre e não sentem cheiro*. Sinto um misto de inquietação com paralisia. Preciso trabalhar.

Meus pais continuam trabalhando presencialmente em contato com o público. O medo fica cada vez mais presente. A avó do meu esposo morre. Duas vizinhas atestam para Covid-19, uma morre. Preciso trabalhar.

Tento gravar a aula durante o dia, mas é impossível, tem muito barulho. Minha casa não está preparada, eu não estou preparada! Gravo de madrugada. Passo a trabalhar na madrugada. Minha sogra, seu filho e esposa estão melhores. Ufa! Um alívio em meio ao caos.

Acho que estou com febre. Deve ser impressão... Não posso ficar doente. Preciso trabalhar. Estou cansada, ansiosa, preocupada, com sono. Durmo.

Acordei, tomei banho, fiz café...



A janela

Cecília Gomes de Sousa
Ubajara - CE | *Campus Tianguá*

Vivo a poesia,
Vivo a melancolia,
Desses dias no **aconchego**
Entre as quatro paredes que cada cômodo tem.
A sala está vazia
E a Janela é o único objeto que reverencia
O apego, o desejo
De abraçar um dia normal, que há **40 dias** não se tem.

Quando acaba?
E se acaba?
O que faremos após essa guerra
Que deixou tantos **mortos** sem arranhão?
São muitos os questionamentos
Depois de tantos dias de **isolamento**.
O que fazem os ociosos, me pergunto da janela
Sobre o **incerto** rumo da população?

Desse mesmo Objeto,
Que em frente me pego
Vejo a minha liberdade
Ao mesmo tempo **prisão**.
Sair não é o certo,
Ficar me deixa **inquieto**.
O que de fato é a liberdade
Sem o **vai e vem** das pessoas no calçadão?

Dessa mesma **Brecha**,
Assisto a grande remeça
Dos que padecem



E dos que lutam a busca de uma solução.

Percebo a pressa

E o olhar que não enxerga

Os ouvidos que não escutam o **discurso** que oferecem:

“- Seja responsabilizado, diante da **crise**, o que optou pela **isolação!**”.

Sinto a **revolta**,

A grande reviravolta,

Dos sentimentos no coração.

Ansiedade que apita, o **caos** que agita, e eu preso no **aconchego**.

Quando poderei dar uma volta,

Expressar o que a língua já não solta,

Dar um abraço, um beijo e aquele gentil **aperto** de mão?

Medo! Medo! Medo! Medo!

Dessa mesma **Ventana**

No meu interior algo se esbanja

Agora a atenção foca em outro ponto.

Lá fora tudo mudando, e aqui dentro o que mudou de lugar?

Será que foi a percepção sobre essa **exorbitância**,

Sobre minha **arrogância**,

Sobre o caos em que me encontro

Ou sobre um Ser **Humano defeituoso** que não quer mudar?

Por fim, **desligo** a Janela.

O que o amanhã nos reserva?

Será o fruto de um grito de **desespero**

Ou da **cura** encontrada?

A **esperança** de achar uma brecha

E a voz que sussurra: **Espera!**

Me acalma e nessa sala vazia busco arrego,

O que será da sociedade depois de tanto tempo entocada?



Hoje

Viviane de Moura Barbosa da Cunha

Tianguá - CE | *Campus* Tianguá

Eu acordei, estou aqui. Te olho e sinto uma mistura de sentimentos que me corrói a alma. Estão ali a TV, o sofá... me esperando para mais um dia. Não vou me sentar. Não dá para sair, só de mim. Ou nem de mim, porque... não me concentro, não penso, não toco meu violão. A minha alma adormeceu e eu não te sinto como antes. Nem eu me sinto como antes. Caminho pela casa e começo a notar a sujeira. Teias, grude, noda, mancha. Me sinto suja também. Esta é a minha casa, é o meu lar. Decido limpar, e limpo com força, arranco, esfrego, com raiva, sinto uma força e a vontade toma conta de mim.

Está brilhando, a taça que usei no meu aniversário... está tudo limpo. Respiro com mais facilidade. Eu estou suja, mas me sinto limpa e agora eu consigo ver minha casa, escondida pela rotina. Apesar de presa, minha alma está um pouco mais livre. Eu a libertei e me cansei. Ligo a TV. Eu vejo. Vejo o mundo, mulheres, crianças, idosos, nossa vanguarda ruir. Sem fim, sem funeral, num poço de choro sem ninguém pra sepultar. Eu vejo a fome, o desespero, a angústia, os números, os governos, a morte devorando as almas. Pessoas presas pela vida. Deito-me e durmo. Eu acordei, é um novo dia...



Flâmulas incessantes

Taires Camila Pereira da Silva

Cedro – CE | *Campus Iguatu*

Na praia das vogais e consoantes
Onde ainda resta navegar
Voltamos às sombras para questionar

Retrocede-se em meios extremos
Frios, não podemos abraçar
Sentimentos intensos
Infelizmente, não irão se realizar

Outrora, tínhamos tudo
Pulmões a todo vapor
Agora em um abismo profundo
Apenas lágrimas e dor

Sentia a chuva
Na sua magia singular
Tinha moleques na rua
Hoje nem mais bom dia e olá

Assim jazem as apáticas velas
Já não conseguem iluminar
Somente na sombra da caverna
Tornamo-nos o que tentamos evitar

Algumas almas se liquefazem
Em capitais vulgares
Outras sucumbem de saudade
À mercê de sentimentos selvagens

O marasmo nas suas células



Impedem de visualizar
Que além daquelas cédulas
Há muito o que se importar

O medo pulsa
Em frações fragmentadas
Porém na noite escura
Há clamor nas madrugadas

Vícios no desabrochar
Agora vivos e constantes
Foi necessário se isolar
Do Vírus hoje retumbante

A expectativa quase nula
Leva a naufragar
É muito esforço pela cura
E o que resta é esperar

Então a selva de pedra
Em extensões se compadece
Numa realidade incerta
Milhões queimam em febre

Na frente da guerrilha
Os guerreiros se vestem
Cuidando de várias vidas
Apenas com amor e várias preces

A hierarquia se desfaz
E o comandante não sabe gerir
Outros buscam a paz
E o pior está por vir



Porém há esperança
De quem vai lutar
Em ares de mudanças
Vamos vencer se acreditarmos

Uma freada brusca

João Lucas Santos da Silva
Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

Chegou em casa depois de um dia cansativo. Já não aguentava mais aquela rotina de trabalhos, estudos e leituras diárias. Era apenas uma jovem que levava uma vida de adulta. Mulher, negra e pobre, desde sempre teve que lutar para que seu eu tivesse algumas migalhas de espaço na sociedade. Entrar na faculdade e viajar para o local da oferta do curso de Psicologia pelo Enem foi a parte mais fácil.

Em seu apartamento eram apenas ela e Frida, sua cadela de estimação. Ela chegou da aula, deitou-se um pouco na cama, fechou os olhos espremendo-os forte, e em segundos pensou mil anos. Sua mente angustiada e cansada nem sabia distinguir bem o que poderia ser realidade ou ilusão. Então, abriu os olhos e afogou-se novamente na realidade. Pegou o celular e buscou por notícias, não porque queria saber de mais relatos ruins, pois era o que vendia, mas sim porque era uma obrigação. Talvez alguma notícia daquelas seria pauta para a discussão de amanhã na aula.

Em todos os jornais falava-se de uma pandemia. Parece que se tratava de um vírus semelhante a uma gripe. Porém, apresentava também outros sintomas e eram bem mais graves. Pesquisou a origem do vírus e ainda hoje não sabe ao certo se tudo é fruto de um acidente ou de um plano muito bem arquitetado. Mais tarde chegaram mensagens nas redes sociais e a frase mais usada era "Fique em casa!".

Aquele momento não foi tão ruim em relação ao isolamento social. Ela estava cansada de tudo e de todos, até a vida lhe parecia sem gosto às vezes. Seus pensamentos eram milhares. Estudos, trabalho, dívidas, aluguel, sociedade... Humanos são ruins. Por que são considerados a melhor espécie se os humanos são a bactéria maligna no mundo? Que falácia! Sonhos engavetados, lutar contra um inimigo invisível, o bem, o mal, uma moeda. Ganância, capitalismo brincando de ser apenas uma boa intenção. A doença e a cura no mesmo baú. Bons, ruins, que confusão! Acidentes intencionais acontecem?

O tempo foi passando e aos trinta dias ela já não aguentava mais a ausência de gente. Apenas a chamada de vídeo com seus amigos e familiares já não estava

adiantando. De repente, suas memórias eram todas das oportunidades que teve de abraçar alguém e não fez por orgulho. De falar sobre os seus sentimentos, mas não fez por insegurança. De lutar pela presença de alguém, mas não fez pelo medo da rejeição. De repente, os humanos se tornaram tão importantes na vida dela... Tão insubstituíveis e amáveis. Ela queria abraçar aquelas pessoas, tocá-las, sentir o cheiro e amá-las da forma mais presencial possível.

Sentia mais amor do que nunca, entendia que o sentido da presença é a ausência e só agora descobriu porque nos presídios uma das piores formas de punição é a solitária. Pensava veemente na impotência de não ter cumprido sua missão no mundo. Será se ela era mais uma vítima de anorexia emocional? Faria o possível para tratar esse problema se tudo voltasse ao normal, sua rotina, seus amigos, sua família, seu eu. E se for tarde demais? E se não tiver abraçado todos que ama? E se tiver sido mais uma que deixou o orgulho falar mais alto? E se o vírus lhe pegar? E se não der tempo de se despedir? E se todos que ama forem e ela ficar? E se... E se... E se...

Uma lágrima caiu no travesseiro e de repente ela sentiu um vazio. Lembrou do dia que, em uma de suas visitas quinzenais aos seus pais, falou da Frida para sua mãe. O medo da bronca, tão vão. No dia que anunciou que sairia de casa, pois tinha conseguido uma vaga na universidade em outro estado. Seus pais tão preocupados, mesmo assim confiaram e acreditaram no potencial dela. Outra vez, que uma colega da faculdade quis se aproximar, mas ela não deixou porque sabia que seria como todas as outras vezes. Ela se machucaria. O que o mundo fez com essa pessoa? Foram 22 anos sem se permitir. Desconfiando sempre. Esperando o pior. Existindo nas margens do viver.

A vida pisou fundo no freio e ela não estava preparada para o baque. Agora, e tão somente agora, ela sabia o que fazer. A vida é uma faísca, que pode virar uma lareira ou apenas o pó das cinzas. O medo de perder quem amamos e as emoções que afloram no meio do caos nos fazem reparar para além do que vemos.



Parte II - Repensar o tempo, repensar a vida



A vida que nos tem

Marfisa Carlos Cidrão

Tauá - CE | *Campus Tauá*

Pisca, pisca, pisca na tela o cursor, à espera de algumas palavras digitadas que expressem sentimentos, emoções ou qualquer coisa que não se sabe. Dessa vez, as palavras digitadas não devem soar como amenas e felizes. As palavras digitadas devem ser, acima de tudo, cortantes, revoltantes... ao ponto de sensibilizar e mostrar a face da natureza mais humana do ser humano, a sua vida finita. A vida humana que vive como um rio itinerante.

O cenário que nos envolve veio para rasgar, jogar, esfregar e gritar, ao ponto de sair gotículas de saliva, que somos matéria perecível. Matéria que morre contaminada por microrganismo invisíveis, que nem mesmo são considerados vida; a não ser quando infecta a matéria carregada de células. Células capazes de dar vida ao vírus. Que são células de pessoas. São células de humanos. São células de indivíduos. São células de culturas. São células de nações. São células do mundo todo. É a vida humana. É humano. Que padece. Que morre em muitos. Muitos que não são números frios. São pessoas com sentimentos, angústias, famílias. São pessoas com nome. São pessoas com CPFs, não somente CNPJs fúteis. São eus.

Borboleta branca

Paulo Henrique Calixto Moreira Monteiro

Fortaleza - CE | *Campus Tianguá*

“Você já viu uma borboleta branca?”

Não há nesse mundo muitas pessoas tão solitárias quanto eu. A verdade é que no caminho dessa vida, os seres humanos fazem escolhas que definem suas relações com o mundo, com as pessoas, com o próprio ego, em um acordo silencioso que perpetua como pode ser aceita a realidade que é exibida diante de seus olhos.

Não escolhi ser sozinho. Não. Nunca houve qualquer atitude minha que pudesse provocar esse intento como objetivo final, mas posso concluir que foi a vida que tomou para si a decisão de me manter afastado daquelas criaturas consideradas normais. Desde o nascimento, metade de mim é escuridão, pois quis o destino que eu herdasse um olho que jamais seria capaz de absorver a luz desse mundo. Em meu olho esquerdo, inexistência.

E essa córnea obscurecida pelo destino foi completamente responsável por afastar os que seriam meus iguais de minha presença, desde a tenra idade. O medo, o desconforto, a estranheza de ter que olhar para alguém que possui ambas vida e morte nas janelas de seu corpo pode criar uma espécie de barreira intransponível à alma. No momento em que nasci, a decadência já acompanhava meus passos e meus tropeços.

“Branca? Não... Era bela?”

E por ser tão familiar, acabei por acalantar pensamentos que revolviam sobre a sua presença. Tornei-me ainda mais insuportável para aqueles que estavam ao meu redor, pois não somente minha visão invocava o temor do além, mas também minhas palavras. Havia no meu cerne, desde o nascimento, uma vontade, uma necessidade de compreender o que aconteceria depois do último fôlego, do derradeiro suspiro. E sobre esse assunto, eu arrastava meus discursos e tentava descobrir alguma alma outra que pudesse acolhê-los.

Anos e anos, e sempre termino meus raros encontros vagando para casa, sozinho. Já busquei no coração de tantas batidas normais um lugar para mim, mas tenho consciência do que sou. Sou uma criatura que devaneia sobre aquilo que a humanidade teme e se deleita sobre as questões que a ausência do sol do

meu olhar provoca. Anos e anos, e meu caminho sempre cruza uma ponte, que termina em uma casa pequena e fria a me aguardar.

“Eu vi uma hoje, despedaçada sobre o asfalto”

Nesta noite, sob a ponte, um rio; sobre a ponte, eu e o meu silêncio que grita o quanto meu espírito anseia, por tamanho tempo, uma luz que pudesse preencher este olho maldito. O cansaço chega de todas as formas, mas o esmigalhar do coração é algo cruel que esboça um quadro quase sinistro. A despedida da esperança enquanto fôlego é lenta, mas derradeira. Meu reflexo sobre aquele rio, lua plena sobre em minhas costas, inexistência dentro e fora de mim, possuía uma voz que me chamava.

“Era bela?”

Estou cansado. Cansado de carregar esse olho que não é capaz de amar os vivos e sequer ser por eles cuidado. Cansado deste caminho que me trouxe tão lépidas sensações de felicidade entre tão cadentes demonstrações de dor. Se há algo nesse caminho que fosse capaz de cativar meu ser, já deve ter entrado em alguma curva estranha a minha. Estou cansado de ser este amálgama de existência e ilusão. O único olho que me permite enxergar a vida concretiza o plano desta noite.

Mais alguns passos e posso saltar desta ponte. A altura é suficiente para escrever o epílogo dessa obra agonizante. O rio há de lavar todas as minhas dores, limpar minhas agruras, tomar para si aquele que não mais importa para as páginas do mundo ou sequer se importa de figurar nele. O vento frio me desperta o ímpeto dessa ação. Penso em meus pais, como saí de casa cedo, em busca de emprego. Penso nos livros que deixei de ler. Penso na lua que observa meus pensamentos. Lua plena no quadro negro de minha alma esquerda.

“Imaginei que você fosse se irritar...”

As águas me chamam.

“Responda: Era bela?”

Mais um passo adiante e este mundo todo se escurece junto com meu olho esquerdo. Todo o meu corpo começa a pender em direção ao último degrau de ferro.

- Com licença.

Uma voz pálida como a mão que toca meu ombro. Uma espécie de eco que balança todo o meu arcabouço. Sinto meu corpo mais leve, como se aquela voz e



aquela mão estivessem a acariciar meu todo. Há uma tontura quase instantânea, uma vontade de ouvir aquele toque mais uma vez.

- Por que você está fazendo isso?

Meu olho destro desespera-se em direção à voz. Como um inseto em busca de uma fonte de luz, viro-me. Olhos acinzentados em um molde de porcelana branca adornado por cabelos coralinos repousam sobre os meus. A serenidade daquela presença provoca quietude, cala os meus ímpetos, susta os meus planos. No instante que nossas janelas se refletem, sinto que, inconscientemente, chamei aquele instante com todas as minhas forças. Palavras escorrem de minha boca.

- Eu...eu só queria encontrar o amor...

Tão logo meus lábios conseguem produzir aquela última sílaba, sou envolvido pelos cabelos, braços, corpo inteiro daquela forma albina. O rosto dela, frio como o vento noturno, toca o meu. Nossos lábios respiram o mesmo fôlego. Já não sinto mais o meu coração, pois já ele não me pertence. Entrego-o prontamente àqueles olhos nublados.

Sinto seus lábios tocando os meus e pedaços de mim se desfazem na ternura daquele momento. Já não sinto mais o meu corpo, pois já ele não me pertence. Esvaio-me dentro daquele recipiente lívido que dentro de si leva completamente os meus sentidos. Torpor disso que eu creio, com toda a certeza desta vida, ser a resposta chamada amor. Percebo uma voz a recitar ao meu ouvido...

- O amor te chama...

E a luz daquela sinfonia eterna adentra meu olho esquerdo.

- A morte chama...

“Belíssima”



Tempo

Higor de Matos Soares
Crateús - CE | *Campus Crateús*

O que é o tempo?
Sei, se ninguém me perguntar
Só não me pergunta sobre o assunto
Porque não vou saber te explicar

Será que tenho tempo
Pra viver nesse tempo
Igual quando observo o vento
Se distanciando ao relento

A vida é efêmera
Será que é por culpa do tempo?
Mas só queria saber uma coisa
O que diabo é o tempo?

Presente, passado e futuro?
Com muitas coisas pra fazer
Tudo que acontece pelo mundo
É assim que se pode ver

Somos tempo
Então também somos contagem
Voando como o vento
Em uma eterna cronometragem

Assim se segue a eternidade
Com todos fazendo suas ações
Em busca de uma liberdade
Cercada por eternas emoções
Ele é cruel



Como também uma coisa boa
Percebendo no espelho
Onde o tempo ecoa.



Da minha janela

Marijara Oliveira da Rocha
Maracanaú – CE | *Campus Maranguape*

Da minha janela, percebo esse novo mundo assolado pela pandemia; as ações do exterior passaram a reverberar com maior intensidade, aqui dentro, provocando um turbilhão de emoções que se modificam com o passar dos dias.

Da minha janela, sinto o cheiro suave das flores lá fora; aqui dentro, as flores são os sorrisos dos entes queridos que vivem comigo, colorindo minha vida, minimizando a solidão e a preocupação.

Da minha janela, vejo o cão vadio perseguindo o gatinho assustado, seguindo seu instinto travesso, buscando por interação; aqui dentro, a interação é virtual, os meios digitais me aproximam de colegas e amigos queridos, sanando meu instinto travesso de interação.

Da minha janela, vejo passar aqueles que, por trabalharem em serviços essenciais, valentemente enfrentam o perigo lá fora, para servir a coletividade; aqui dentro, sirvo a coletividade pelo computador, com saudades de alunos e amigos de trabalho, torcendo para logo rever a todos (e todos bem!!!).

Da minha janela, sinto a vida seguir e o tempo passar: hoje é aniversário de minha amiga-irmã, o primeiro, em quase dez anos, em que não estive presente; aqui dentro, as redes sociais me recordam esses dez anos de amizade e felicidade que compartilhamos; assim, mesmo distantes, posso agradecer pela vida dela.

Da minha janela, escuto, logo cedo, a discussão da família vizinha, cada um procurando a melhor forma de lidar com a as crianças e sua necessidade infantil de liberdade (brincar, correr, pular ao vento...); aqui dentro, fico feliz por todos estarem bem, podendo compartilhar, juntos, suas insatisfações e dificuldades.

Da minha janela, ouço os pássaros cantando, entre os barulhos urbanos; aqui dentro, a Internet me traz as *lives* dos mais variados estilos musicais, que seleciono de acordo com a atividade prevista para a rotina domiciliar, pois, em momentos de incertezas, é importante que nos apeguemos a uma rotina para manter o equilíbrio.

Da minha janela, faço uma oração, pedindo por aqueles que, distantes de suas famílias, sofrem isolados em unidades hospitalares, mundo a fora; aqui



dentro, acredito em um Pai misericordioso que derramará a bênção da cura sobre os necessitados.

Da minha janela, percebo o silêncio da escola perto de casa, na hora do recreio – as crianças não podem estar lá; aqui dentro, a alma grita exigindo presenças e abraços daqueles que não podem estar aqui.

Da minha janela, penso no futuro, imagino como será a vida após esse desafio; aqui dentro, desejo que todos possam sair melhores, conscientes do imponderável valor de compartilhar a existência com as pessoas amadas.

Da minha janela, vejo ainda aqueles que vão e vêm apressados para regressar à segurança do lar; aqui dentro, penso em como esses eventos criam, em mim, imagens, reflexões e ensinamentos que ficarão comigo para sempre.

Da minha janela, o mundo é pequeno, o horizonte é limitado, a perspectiva de melhoras para esses tempos difíceis é miúda; aqui dentro, a fé é imensa, a confiança na humanização das pessoas é gigante, pois os atos de solidariedade e o esforço hercúleo dos profissionais de saúde e dos pesquisadores, mesmo distantes uns dos outros, tocam o meu coração e me fortalecem para, amanhã, poder olhar novamente pela minha janela e ver brotar a flor da esperança em dias melhores.



O ontem, o amanhã, o recomeço

Maria Antunizia Gomes

Quixeramobim - CE | *Campus Iguatu*

Ontem, quão belo ontem

Ontem se foi, mas não conseguiu tirar de mim as doces lembranças

Refugio-me no passado e assim supero tantas ausências

E desejo arduamente tantas presenças

Enquanto lembrar do ontem

Tenho forças para esperar o amanhã

E somente assim te reencontrar

Encontrar-me-ei com tua alma mais uma vez

E tua doce face irei tocar

Sentir toda a emoção que senti

E em tão lindo dia finalmente te abraçar

Não seremos mais cada um no seu mundo

E todos em um mesmo mundo, e só!

Perto e só!

Trabalhando e só!

Seguindo só!

Quero ter enfim você perto de mim:

Um sorriso!

Uma canção!

Um olhar!

Dentro de mim, enfim ver a vida recomeçar

Então terei

Recomeço de mim

Recomeço do eu

Recomeço meu



Recomeço enfim.



Espera

Caroline Brito dos Reis

Fortaleza – CE | *Campus* Tianguá

O amanhecer já não tem o sabor de planos milimetricamente anotados em agendas ou do pão comprado quentinho logo cedo na padaria, nem a cor azul do céu que nos impele a caminhadas pela cidade ou a beira mar ou o barulho familiar das visitas que fazem café fresco, lançando seu aroma no ar.

Agora os dias são cordas em que devemos nos equilibrar entre a letargia e a ansiedade, são folhas em branco difíceis de serem escritas ou desenhadas em tons amenos, são permeados de lembranças de um passado tão recente e tão igualmente distante, dores e delícias da rotina já conhecida e vivida antes cotidianamente.

Em meio a tudo isso, surge a calma da noite com seus filmes e livros, histórias alheias que nos embalam e acalmam, uma ou outra voz de amigo que não se resigna a esperar o tempo da presença para ser presente no consolo do sofá, da cama e dos lençóis ou da rede que se balança lentamente, dormem e acordam as lembranças de um passado, e os sonhos e a esperança de um futuro, de um novo amanhecer.

Dias vazios

Gildazio Silva de Souza
Tianguá - CE | *Campus* Tianguá

Não tinha reparado que tinha um buraco no forro do meu quarto. Há quanto tempo que surgiu? Dele consigo ver uma pequena luz, mas não deveria porque existe o telhado acima do forro. Movo minha cabeça e fico embaixo do buraco. Deparo-me com outra ruptura. Eu me pergunto qual a probabilidade de existir dois buracos no teto do meu quarto simetricamente alinhados, mas logo desisto de pensar bobagens e olho para lá dos vazios do teto e vejo o céu.

Antes esse céu nublado - estava realmente nublado?- me encantava, adorava escrever em dias nublados como este. O ar melancólico me inspirava, mas agora tudo que eu quero é um dia ensolarado, cheio de vida.

Meu celular vibra, mas ele está do outro lado do quarto. Estou na cama sem vontade de levantar e penso se é importante eu sair do meu *status quo* para pegar o telefone e decido que não é. Agora o celular alarmou e percebo que acordei antes dele tocar. Eu deveria me preparar para ir a faculdade. Mas como farei isso se estou preso em casa? Uma parte de mim diz que, mesmo se não estivéssemos em quarentena, eu ainda faltaria aula hoje. Tudo parece tão sem importância, sem sentido.

O alarme me irrita, tento levantar, mas não consigo me mover e penso se estou no ato de paralisia de sono e me alegro, pois seria mais fácil resolver do que isso que estou sentindo ou isso que não estou sentindo. Eu me levanto e meu corpo dói a cada movimento, pego meu celular e volto para a cama. Desligo o alarme, vejo pelas notificações algumas mensagens e ignoro deixando o celular de lado.

Olho de novo para a ruptura, para o nada no meu teto. Não sei quanto tempo fico ali paralisado, encarando o vazio e o vazio me encarando de volta.

Pego o celular de novo e respondo alguém do *Tinder* que perguntou se eu estava bem, respondi que estava ótimo. De repente senti vontade de chorar, mas dessa vez estou só, digo, sem gente por perto, porque sozinho me sinto até quando tem alguém do lado, mas agora não há motivo para segurar as lágrimas que aos poucos vão se arrastando pelo meu rosto até molhar a cama. Não sei a razão de estar chorando e isso é o pior, essa falta de motivo.

Acordei, agora com os olhos inchados. Eu disse que no início dessa quarentena eu iria estudar. Teria tempo para aprender algo novo. Teria tempo para mim, iria me cuidar. Eu planejei tudo que iria fazer nessa reclusão, a cada hora do dia estaria fazendo em algo. Por uma semana eu consegui, mas me faltou disciplina, ânimo. Eu comecei a falhar, os dias foram passando e o estresse veio, eu me sentia um lixo por não conseguir seguir um cronograma do dia a dia.

Os dias estavam passando e eu ia afundando cada vez mais. Comecei a me comparar com os colegas de classe e como era inferior a eles. Eu me importava tanto com tudo e me sentia perdido.

Eu não era muito de sair de casa, de mim. Mas hoje já não suporto mais ficar. Eu me sinto preso, preso em mim. Acho que antes eu conseguia fugir do meu eu, ou pelo menos não ficava com ele o tempo todo. Ficar comigo mesmo é mais difícil do que pensava. A solidão é perigosa, me faz pensar em coisa errada.

Nem sei que dia é hoje, os dias estão indo e vindo e não faz diferença. Antes eu sentia tudo, era um misto de emoções, mas não sinto mais como antes. Estou escapando, sinto que estou caindo e não consigo me segurar. Queria lutar, tentar, viver. Mas eu não aguento mais, não aguento mais olhar para as mesmas paredes, o mesmo teto, o mesmo eu.

Não sei o que estou fazendo, tudo parece tão borrado, manchado, desfocado, opaco.

Sinto que estou evaporando, sinto cada vez mais a minha ausência. Estou com medo de me perder. Estou com medo do mundo, do presente, do futuro. Estou com medo de mim. Não me pertencem mais.

Lembrei que tem pílulas no banheiro. Meu sofrimento parece diminuir só de pensar em tomar. Tenho esperança, que palavra linda. E-S-P-E-R-A-N-Ç-A. Vou usá-la para sair desse sufoco. Tenho que usá-la, preciso usá-la.

Eu me levanto, vou até vou banheiro e sinto a dor dos comprimidos descendo pela minha garganta, mas depois sorrio e me deito no sofá da sala. O lugar que era o mais desconfortável, mas agora está tão agradável. Ele acaba de se tornar meu lugar preferido.

E mais uma vez eu durmo, só que dessa vez sorrindo.



A meta

Davi Marques de Medeiros
Rio de Janeiro – RJ | *Campus* Tianguá

No início, estava super animado com o tempo livre.
Tracei inúmeras metas:
Tornar-me um ser humano de outro calibre,
escrever meus poemas, abraçar as canetas.
O tempo foi passando,
meu desânimo aumentando.
Concluí que resistir é fácil,
difícil é se manter dócil,
com todas as vidas virando estatística.
O tempo passava,
nada melhorava.
Resolvo escrever novamente,
tudo que vem na mente,
dessa vez, escreverei do meu sono.
Velho companheiro, que sempre me tira do lodo.
Durmo acordado, fadado ao hiato.
Desperto liberto, antes do restante.
Como despertar neste ar conflitante?
Sonhando o sono, soneto vibrato.
O tédio me consome.
Eu e minha meta nos unimos buscando saída.
Fuga desta prisão que chamo de casa.
Escrevo para esquecer a pátria traída:
neste momento, meu coração se torna brasa,
quando falo da poesia,
a caneta e o papel unem-se de forma mística.
Tudo por culpa dela, a metalinguística.
Por ora, escondo meu rosto.
Não por vergonha, mas por gosto.
O gosto de saber que a máscara branca



se tornará lembrança,
num mundo melhor, cheio de esperança.



Números

Andreia Soares de Lira
Iguatu - CE | *Campus Cedro*

Já faz um tempo que não jogamos xadrez e tomamos um bom chá. Aos poucos, a lembrança que tenho de ti se dispersa junto ao orvalho do amanhecer.

Há tempos não posso tocar teu corpo. Te fazer mal jamais foi, ou será, minha intenção e, por esse motivo, é que já não me importo se tu vais fazer aquela nossa ligação, em que sempre me contavas sobre os altos e baixos do seu dia. Não me desespero se tu não ligas, pois procuro tuas fotos postadas de casa e me certifico de que estás bem.

Mas sinto tua falta, meu bem. Saudade do cheiro da tua pele e do teu cabelo e até das broncas que eu tinha que aguentar quando criticava os seus livros do Hawking. Contudo, o que mais me assusta no momento, é o fato de que estou romantizando o passado, assim como os alemães. Infelizmente, sabemos bem até que ponto eles foram por essa vontade de ser como antes.

Querida, somos obrigados a estar socialmente separados, mas nossa distância foi imposta por você bem antes de toda essa calamidade. Quando você propôs um isolamento sentimental, não levou em consideração a minha escolha, pois sabia que eu optaria por ficar ao seu lado, independente de tudo.

Entretanto, aqui estou eu. Um copo de whisky em uma mão, enquanto a outra segura o celular, na esperança de que essa pequena tela mostre teu sorriso. Na TV, as pessoas se tornam numerais cada vez maiores, e ninguém que assiste enquanto não postas uma foto para provar que estás viva e feliz, sinto em meu peito a dor de ver você se transformando em um número também.



Parte III - Sonhos, memórias e sensações



Confissões

Cicera Benedita Severino Bernardo

Paramoti - CE | *Campus Canindé*

Essa noite tive um sonho
Daqueles sonhos sonhados com o coração
Aqueles que fechamos os olhos e navegamos pelas águas mais límpidas
E caminhamos nos solos mais floridos.

Sonhei que poderia caminhar livremente sem medos ou amarras
Nesses caminhos abracei amigos
Seguramos nas mãos uns dos outros
Olhamos nos olhos e sorrimos.

Sorrisos genuínos enfeitavam nossas faces
Continuei caminhando, em cada passo encontrei pessoas
Era como se estivéssemos de almas renovadas
Banhados pelo espírito da consciência.

Assim todos caminhavam livres
Sentei-me embaixo de uma árvore, senti o ar
Senti-me livre como um pássaro que voa em liberdade
De súbito, como em um piscar de olhos, acordei.

Corri para minha janela para apreciar a realidade de meus sonhos
Foi então que pude sentir a tristeza em meu peito
Todos continuam distantes e com seus sorrisos cobertos
Era apenas um sonho sonhado.

Nossos sorrisos continuam cobertos
Então, devemos sorrir com os olhos
Abraçar com a alma
Tocar com as palavras.



Nesse cárcere em liberdade, é preciso encontrar novos caminhos
É preciso olhar para si e refletir sobre a existência
Devemos construir um ser humano capaz
A distância nos fez percorrer os caminhos mais recônditos da alma.

Foi apenas um sonho, mas são os sonhos que nos movem
Embora que as saídas estejam cinzentas
Ainda há vida e sonhos
Ainda há esperança.

Saudade e esperança

Tailane Maria de Sousa Chagas

Itapipoca – CE | *Campus Itapipoca*

Quando o Sol se põe, se põe também a minha alegria. O anoitecer traz à tona uma saudade apertada, uma saudade que parece sem socorro. Daquela companhia, daquele lugar, de tudo aquilo que proporciona paz e segurança. Antes despercebida, agora ela nos salta ao coração através de sons, sabores, cheiros e outras sensações que trazem lembranças de coisas que nunca imaginávamos sentir a falta.

A escuridão que se aproxima devagar toma conta do meu interior e junto a ela, a saudade, o medo, a insegurança e a dor. O medo da solidão causada pelo isolamento social, onde lidar com si próprio pode se tornar um grande desafio, o medo ao sair de casa todos os dias quando não há o privilégio de ficar nela. E acima de tudo medo de perder um dos nossos para a doença. A insegurança de uma luta contra um oponente invisível, do amanhã imprevisível e do alimento incerto nas mesas. E a dor de milhares de famílias que hoje sentem a mais autêntica forma de saudade. Aquela que de fato não tem socorro. A saudade de alguém que foi embora sem se despedir, e nunca mais retornará. Mas assim como tudo, a escuridão também passa. Aos poucos a luz a dilui e tudo volta a ser claro.

Quando o Sol nasce, nasce também a esperança. A esperança de que todo o caos passe logo e a leveza se faça mais presente em nossos dias. A esperança de que muitas vidas ainda serão salvas se os cuidados por mais simples que sejam forem tomados, que a solidariedade despertada neste período permaneça em todos os outros. A esperança de que possamos novamente encontrar, abraçar e beijar aquela companhia, estar de volta àquele lugar e fazer tudo aquilo que nos faz bem com as pessoas que amamos. E quando novamente a luz se fizer ausente, que saibamos mantê-la acesa dentro de nós e que nunca percamos a confiança de que dias melhores estão por vir.



Nada substitui um olhar

Francisco Sanzio Carneiro de Araújo

Sobral – CE | *Campus Sobral*

Muito se fala sobre o poder do olhar, é algo fascinante, encantador, às vezes até perturbador, mas sempre com poder atraente, cativante, acolhedor. É um mistério e uma revelação ao mesmo tempo. Armazena nossas lembranças e memórias do passado, registros de nossas relações humanas.

Dizem que o olhar é a janela da alma... uma expressão antiga, que de tanto ser repetida torna-se verdade. É nos olhos que transmitimos o que se passa em nossa essência, mesmo quando a boca diz o contrário.

O poder da linguagem palavreada ou gestual é surreal, de uma força e importância gigantesca em nossa sociedade. Mas sabemos que um olhar pode reverter ou ampliar muito mais do que qualquer outra forma de falar.

As palavras possuem o seu peso, mas na arte de transmiti-las, podemos diminuir o sentido do que realmente queremos expressar e acabamos nos prendendo aos termos e sentindo falta da expressão correta que traduza a linguagem da alma.

Quando estamos com medo ou quando estamos apaixonados, nossos olhos denunciam. Se estamos mentindo ou falando a verdade, nossa expressão ocular traduz todo o nosso sentir, fazer e pensar.

O olhar que pode revelar verdade, segurança e controle, hoje transmite proteção, cuidado, e tem poder de abraço. Os olhos do mundo se voltam aos mais diversos olhares sob máscaras de proteção, são olhares variados, alguns embaçados através de lentes, mas todos olhares de esperança, solidariedade, empatia e certeza que dias melhores viram.



Quase um soneto pleno

Cicera Gardenya Abreu Bastos

Aiuaba - CE | *Campus Tauá*

Em tudo sinto encanto.
Meu riso cresce, o desmonta,
pois a vida que ora é riso, ora é pranto
diz-se bela, mas nem tanto.

Mas até belo é esse lamento
que nos traz, com calma, um manto
de alegria ou contentamento,
nos faz sentir, vento manso.

Eu, no meu feliz fragmento
vivendo por partes, criando terreno
não nego à vida meu pranto
nem vejo isso como veneno.

O que é imenso não se define
sinto a vida, sigo atento,
sentimento não se oprime.

Viver, como um todo, pleno,
quem discorda que opine,
é dizer: vem vida! Pois não (h)a tem(p)o.



Carta para minha avó

Antonia do Nascimento da Silva
Tianguá - CE | *Campus* Tianguá

São 2:15 da manhã. Um casal de vizinhos discute no andar de cima e um bebê chora no quarto ao lado. Pela janela vejo a chuva cair calmante lá fora. O frio e as lembranças conseguem me alcançar aqui dentro¹, mas o sono não. Este demora chegar.

Uso a caneta que agora está em meus dedos e o papel em branco a minha frente para lhe escrever esta carta. Sei que fica preocupada e à espera de notícias minhas. Estou bem, mas como pode observar não tenho nada novo para contar, além do que já bem sabe.

A verdade minha vó, é que aqui na cidade manter uma rotina produtiva em dias como estes de isolamento é algo difícil. Principalmente comparando com a agitação que eram nossos dias normais. Tento ser positiva, mas saber que nas esquinas não há mais sorveteiros, que portões precisam estar fechados e que ninguém pode ir às praças se exercitar, rir, ou simplesmente jogar pão aos pombos, é desmotivante.

Procuro distração na tv, e o que encontro são noticiários divididos em noticiar o crescimento das mortes pelo vírus que se espalha numa rapidez veloz, a lotação dos cemitérios e o caos dos sistemas de saúde. É assustador. E nas redes sociais pessoas se ofendem, se atacam só para favorecer posições políticas, defender racismo reverso enquanto outros se preocupam em criar *fake news*. Não entendo como alguém pode desperdiçar tempo planejando notícias falsas para jogar na internet. Enfim, apesar disso tudo vó, desse clima pesado que às vezes sufoca, destas horas que se arrastam, da saudade, dos dias confusos estou me cuidando como a senhora pediu. Às vezes leio, às vezes canto, também tropeço, mas estou me esforçando. O momento não é o melhor, mas vai ficar tudo bem. Em breve voltaremos a nos reunir como nos almoços de domingo em que a senhora nos prestigia com sua comida maravilhosa. Espero que esteja bem. Não deixe de me escrever. Se cuide como cuidaria de mim.

Um abraço forte.

De sua neta, que te ama.



Amor, humano amor

Felipe Negreiros Batista
Ibiapina - CE | *Campus* Tianguá

Assistimos singularmente espantados
O enorme clímax prolongado
Que mais mata que o desfecha
Assim a trama difícil fecha
E ainda mais dura aperta
A realidade que nos cerca

A ação findável de existir
É agora no outro expandida
Esse terreno irregular a vida
Se decompõe pelo tossir

Pausa a poesia agora pausa
Que o ar bate bem fundo
Pela máquina que devolve esperança
E acolhe a dor do mundo

Pausa a cidade agora pausa
Não se deve abrir as portas
Pois o tempo é de lágrimas
Conformadas ou sem resposta

Amor, humano amor
É agora o corpo destocado
A sensação pura de cuidar
Fazer-me preso por cuidado
Receber de longe tal calor

Amor, humano amor
É a esperança esperada



Do mundo mais maduro
Reabraçar o futuro abraço
De rebeijar o futuro beijo
E de reviver nosso futuro.

Círculo vicioso

José Djavan Alves de Oliveira
Jugaribara – CE | *Campus* Jaguaribe

Da janela do meu quarto via folhas do pé de Nim caindo, lentamente, como se o tempo para elas não tivesse grande importância e não existisse pressa de chegar ao chão. Ficava nesse ínterim (palavra nova que descobri) alguns segundos, tentando ocupar os olhos com imagens pouco vistas anteriormente, enquanto o tédio atingia seu ápice.

Sinceramente não sei qual a melhor forma de passar o tempo. Estar isolado não é o difícil para mim. O complicado, e haverá de concordar, é ocupar as horas com afazeres que ocupem sua mente e que necessariamente sejam suficientes para que não se dê conta de que aquilo está sendo chato demais e que os ponteiros do seu relógio estão se arrastando com você atrás.

Saio do campo visual janela e me dirijo a minha minúscula biblioteca, pouco mais de dez livros, à procura de um título que me chame à atenção. Preciso de uma história boa que me fisgue desse oceano monótono. Um título me prende. Meus olhos observam enquanto minha boca se abre em um murmúrio o nome da obra, para meu deleite (lembro de doce de leite), “O Velho e o Mar”, do grande Ernest Hemingway.

A história de Santiago me fascina, um clássico de superação e fé no ser humano. Nada mais apropriado para os tempos que estamos vivendo. Passamos por tempos de incertezas, assim como o protagonista dessa obra, onde não sabemos o que esperar, mas com dificuldades a serem superadas.

Começo a leitura, entusiasmado, apesar de saber o decorrer dos acontecimentos. Às vezes a vida precisa de roteiros pré-estabelecidos. Sigo as páginas e em pouco tempo, imerso no oceano de palavras, adormeço. Meu sono é pesado, o cansaço me consome, não o físico, o mental. Sonho com o pescador do livro. Em dado momento me transformo nele e parto na sua jornada ao mar.

Na pequena canoa, sozinho, a esmo e no escuro sublime, me divago em pensamentos. De barulho somente o movimento das ondas. Estou deitado no lastro da embarcação. As costas doem. Aos poucos a escuridão vai cedendo lugar a um fio de luz. Ergo-me e observo ao redor.



Os meus olhos contemplam um mar azul, sem fim, nenhum sinal de outra embarcação, ou ilha, nada. Naquela solidão me sinto triste. É uma tristeza genuína. Fecho os olhos e peço que aquilo desapareça. Acordo de bruços sobre o livro. Levanto-me e vou à janela. As folhas de Nim caem lentamente.



Retalhos de um sonho

Francinalda Araujo da Silva
Tianguá - CE | *Campus Tianguá*

Havia apenas dois moradores em toda a região da Ibiapaba. Um casal. Tudo estava deserto, triste e solitário. Por todo lado apenas restos mortais humanos, saciando os vorazes e famintos vermes. Alfa e Ômega enfrentavam não somente o cenário desolador, como também a fome. O que sobrara de gente e de comida já estava contaminado por uma peste, um vírus. Pandemia! Ômega decide instintivamente sair à procura de alimento para a sobrevivência sua e da esposa. Do povoado à cidade era uma longa caminhada. Imagens de horror arregalavam e enchiam suas pupilas. Seria o fim da humanidade? Haveria ainda outros sobreviventes? Não havia respostas. De repente já estava na cidade. Estranho... E em frente ao Convento avista uma figura incomum, um vulto. Mesmo acobertado de medo vai ao seu encontro. Quem está aí? Gritou hesitado. Sou um dos poucos que restaram, assim como tu! Não tenhas medo! Estou à procura de comida que seja segura. Respondeu o Outro. Entendo. Sei de um lugar seguro onde há abundância de alimentos. Vamos! E foram a um mercantil que aparentava estar intacto. Arrombaram e levaram tudo que seus ombros puderam suportar. Agora vamos para minha casa, não é bom que fique sozinho. Minha esposa está a me esperar. De repente já estavam em casa, diferentes, com outras vestes, com mais carga sobre os ombros. Estranho... Alfa se surpreende com a visita inesperada do Outro. Se é que se pode chamar de visita em dadas circunstâncias. Quem é este homem? Por que veio com você? Questionou Alfa. Encontrei-o sozinho, vagando, com fome. Tão logo convidei-o para que me acompanhasse. Parece que somos os únicos que restaram dessa catástrofe. De repente Antônio abre os olhos com espanto e vê uma luz resplandecente, ouve o canto dos pássaros. Suspira e pensa. Tudo tem um começo e um fim. Que alívio, era apenas uma quimera!



Tempestade

Maria Monalisa Almeida dos Santos

Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

Não se culpe, nem todos os dias são de sol
Há momentos em que a tempestade chega.
E ela vem quando menos esperamos
Simplesmente parecendo devastar tudo,
Com ventos uivantes, trovões estremecedores,
Diluindo uma fúria em águas infinitas.
Despertando no inóculo de nós
Todos os medos, raivas, frustrações e ilusões,
Mas nessas horas apenas tenha calma e deixe chover.
Chover, chover, chover.
Porque depois da tempestade
O sol sempre volta mais radiante.

Avoante em tempo de caça

Maria Marly Cruz Gomes Pinto

Itapajé – CE | *Campus Umirim*

Minha avó tinha irmãos bem-sucedidos que compravam casas e carros somente com o ramo da família: bordados. Vendiam para todo o Nordeste. Faziam panos de prato até capa de botijão com desenhos coloridos e nomes de praias estampadas, sem nunca terem saído do povoado onde moram.

Escapei por pouco de não estar fazendo grude. E somente um familiar, além de mim, não misturava água com maizena, o Avoante. Para quem não sabe, "avoante" é o nome da ave que percorre o continente americano quase todo e durante sua migração forma bandos no Nordeste, alimentando-se de sementes e confundido caçadores para fugir da extinção, já que sua carne é uma iguaria cara.

Simpatizava com esse nome e sempre achei que o cumprimento mais bonito é a bênção, porém ao Avoante ninguém chamava de tio ou beijava mão. Um dia, enquanto ouvia as últimas novidades sobre ele, percebi num passe de mágica que eu tinha um tesouro na minha linhagem.

O Avoante gerava renda mais segura e crescente que muitos funcionários públicos, vendendo cigarros falsificados que vinham diretamente do Paraguai. Nessas suas cargas, conseguiu de uma forma desconhecida burlar todos os pedágios e fiscalizações. Jamais teve curso de oratória e parecia ter o dom de convencer as pessoas tanto a comprar seus produtos quanto a não ser preso. Talvez seja sua voz estridente, mas amiga, que irrita e acolhe ao mesmo tempo. Possui um belo círculo de amizades, desde um político milionário chamado Elevelton a um ambulante de celular roubado chamado Calcinha. Um desses foi o delegado que lhe deu a terrível notícia de que tinha um mandado de prisão há nove anos por máquinas caça-níquel, quando o coitado estava apenas tentando fazer o boletim de ocorrência. Escolheu morar em um dos locais mais perigosos da região, chamado Canto Escuro, exatamente para se manter em segurança. Mas os policiais já o conheciam, todos frequentavam o apartamento que ele alugou no centro da cidade, exclusivamente para seus investidores, que gastavam todo o salário no baralho, cachaça e jogo do bicho, sendo a única proteção do imóvel a árvore de sempre-verde que cobria a varanda e janelas.

Numa bela tarde de março, enquanto colocava em seu grajau as entregas daquela manhã - queijo, óleo diesel e refrigerante - soube da terrível notícia que um vírus havia chegado de mala e cuia da China e se instalado no Brasil, fazendo com que o governo começasse a isolar as cidades com muitos casos. Ele suspirou e pensou consigo mesmo que ele era sua própria autoridade, subiu em sua moto de placa clonada com a maioria das peças desmanchadas de outras motos, sem espaço para garupeiro. Não era pintada com descascamento original e o máximo que ele respeitava das leis de trânsito era o uso de um capacete de modelo infantil conhecido como "coquinho".

Chegando na cidade, logo na entrada foi surpreendido por cenas que nunca tinha visto ali: cones e pessoas fantasiadas de astronautas. Ganhou uma máscara e álcool nas mãos, não demorou muito para o fotógrafo da prefeitura aparecer e Avoante saiu embalado, pois Elivelton era oposição. Não conseguiu fazer nenhuma entrega dos comerciantes, só tinham ido três pessoas ao cassino improvisado, seu pneu furou e nenhuma borracharia estava aberta para ajeitar. Foi para casa pensando em como se manter em sua empresa fantasma.

Ele nunca abriu firma e nem enquadrou alvará na garagem/depósito, estando longe de ser um serviço essencial, mas logo na primeira semana de isolamento, máscaras se tornam obrigatórias, e além de denunciar anonimamente todos seus amigos que abriam o comércio para vender comida e começar a fazer *delivery* durante a madrugada jogando produtos pelo beco, Avoante gastou um trocado com linhas e pediu à sua mulher e única herdeira que costurasse máscaras usando a colcha de cama, conseguindo, assim, manter sua economia firme enquanto seus irmãos faliam. Na semana seguinte, após desmanchar todas as colchas, cuecas e tapetes e fidelizar clientes, observou preços abusivos da farmácia e produziu no seu quintal com brilhantina e água sanitária uma substância que vendeu como álcool! Nunca desconfiavam da procedência das suas vendas, mesmo que ele vivesse saqueando caminhões virados com Calcinha. Quando ouviu falar do auxílio emergencial, começou a vender salgados e sucos na fila do banco. Ao ouvir que só se passava com documento, contatou um rapaz da companhia elétrica que lhe devia um favor - como sabemos, é melhor dever dinheiro do que favor - e tinha agora em suas mãos comprovantes de residência de casas que ele nunca nem viu.



Ele não morreu ou aprendeu a lição, mesmo limpando café com a máscara e lavando as mãos só quando fosse banhar de dois em dois dias. Não sei o que espera quem leu até aqui, mas vou oferecer a verdade: infelizmente, o Avoante nunca existiu. Foi apenas uma tentativa de mostrar que podemos continuar criativos se levantarmos voo em meio a uma crise e observarmos lá do alto a rota de fuga, como uma avoante em tempo de caça.

Uma carta para mim

Régis Machado de Melo

Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

Poderia ter mandado um e-mail, enviado mensagem pelas redes sociais, uma ligação telefônica, ou utilizado qualquer outro mecanismo tecnológico para falar sobre o que está acontecendo.

Faz muito tempo desde a última vez em que conversamos. Caso não se lembre dos assuntos falados, das risadas prolongadas, dos conselhos compartilhados... São consequências das etapas que a vida proporciona!

Mas agora, nesta folha de papel, sem laudas, e com esta caneta quase sem tinta, resolvi lhe escrever.

Quero falar do tempo. Nunca o aproveitamos como deveríamos, sempre será assim, faz parte do ser humano. Tentar perseguir ou burlar seu ritmo não será suficiente para modificá-lo. No máximo, achamos que o medimos, no entanto nos limitamos aos seus desejos, nos desgastamos, ele não!

E a vida? Pensar sobre ela pode nos fazer imaginar o quanto somos pequenos. Vivemos nessa imensidão que chamamos Terra, pequena. Mas não devemos sobreviver, necessitamos viver. O que estamos passando, reflete a vontade e a luta pela vida, tão frágil, uma só! Não há outra chance. No momento, sobrevivemos.

Olhe para si. O que está fazendo? Não dá para se despir na frente do outro como se desnuda nos pensamentos. Mas não pense apenas em si. Tente sentir, sem se sentir maior, menor. Somos iguais, lutamos por isso! Ou, pelo menos, alguns lutam e, mesmo que não pareça real, somos iguais. Nossas atitudes não são.

Estou bem, então tudo bem!

A solidariedade não reflete o que deveria. Ajudei quem precisava, precisei compartilhar aquela atitude honrosa, pareci honrado. Deram-me parabéns! Apenas um se beneficiou, menos aquele que aparentei ajudar.

Certa vez, pediram a retirada da máscara que cobria a face da mentira. Hoje, a verdade está mascarada, é preciso. Todos estão, ou deveriam estar! Eu estou. E quem não pode estar? Não sei.



A tinta está acabando. As palavras não estão nítidas como aquelas dos primeiros parágrafos. Desnecessária justificativa. Perdi o raciocínio.

Perdi muitas coisas. Mas não perdi as boas lembranças. Não as perca! Mesmo que a memória esteja gasta, e o perfume que mais gosta não possua aroma algum.

Ainda me restam algumas linhas.

Prevejo.

Talvez, quando estiver lendo esta carta, eu seja apenas um número. Pense no número de tentativas que não deram certo. Cada uma delas fortaleceu as bases para cada conquista. Conquiste!

E sobre o que está acontecendo... Todos sabem! Tempos ruins chegam para nos fortalecer. Para pensarmos nas coisas simples, despercebidas. Invisíveis. Indispensáveis.

Talvez, quando estiver lendo esta carta, eu tenha superado a batalha, ou até mesmo, vencido a guerra.

Não esperarei resposta. Mas caso sinta necessidade de uma réplica...

Guardo com carinho esta carta. Não sei quem a escreveu, nem quando escreveu.

Mas se chegou até aqui, era para mim.

Corpo existe: todo nascimento supõe um rompimento

Paulo Victor Souza Rodrigues
Maracanaú - CE | *Campus Fortaleza*

Vida. A vida é conhecida e estudada como o período de tempo entre o nascimento e a morte de um ser vivo. É a vida, também, o meio de sustento necessário para manter a existência. Busca por tornar a atmosfera mais colorida para que assim o peito sinta a loucura de soltar-se do que o fere, de passar das grades que subjagam seus vazios nada. É o momento de nascer constantemente.

Sabe, hoje encontro-me sozinho, meu corpo está abandonado. Não só o meu corpo, mas minha alma se sente abandonada. Um corpo e uma alma. Esquecidos. Vencidos. Amarrotados. Vazios. Há dias tenho pensando no meu “passado feliz”, nos meus pais, nos meus relacionamentos e como cheguei até aqui. É uma viagem na profunda verdade humana. Tinha pra mim que a etapa prazerosa de vida ainda reverberava. Bobo. Hoje ela me faz suar desgosto. Preciso lavar-me de mim, através do tempo. Uma imensa dádiva, mas de uma abstração desproporcional ao raciocínio do homem. Voa, com uma picada de impetuosidade.

Meu corpo existente, esmagado pelos pés do senhor tempo, parou em um nevoeiro cinzento e estancou no meio do caminho. Encurralado por paredes concretas. Tudo ao redor é pedra. Pedras que são atiradas quando dito “que atirem a primeira pedra!”. O caos chegou e sequer percebi. É um universo selvagem e individualista. As relações se perderam e continuarão a ser perdidas. Estou, quer dizer, estamos em uma guerra constante, eu, o mundo e meus sentimentos. É um poço quase que sem fim. É sistemático. Estou encarcerado com as janelas abertas para que o sol e o vento possam entrar e acalmar o meu ser. Sem trabalho, sem contato com o mundo externo, sem amigos, sem nada, apenas resquícios de um tempo passado. Avalanche que trouxe consigo um retrocesso e um bloco de questionamentos que parece sem fim. Isso é só uma fase? Estarei livre logo?

Quanto tempo me resta? Foi esse meu questionamento de ontem, é o de hoje, e será o de amanhã. A cada despertar sinto a vontade de nascer para um novo mundo, onde eu pudesse falar de mim, das minhas dores, do meu passado.

Devem estar pensando que sou louco, na verdade sou mesmo. Louco por estar cansado de correr na mesma direção. Louco por querer reviver os momentos felizes de minha estrada, enxergar um mundo saudável novamente. Sentir-me preparado para os desafios da vida, mas encontro um empecilho no meio do caminho: a monotonia. Uniformidade que suga os últimos resquícios de força, acompanhada por uma dor que parece ser um filho nascendo. São contrações violentas.

Aparentemente minha construção corporal vem sendo devorada. Diariamente o mesmo fardo está estampado em meu rosto, sinalizado pelo inchaço debaixo dos meus olhos. Acolho as mesmas dores, quase sempre insistentes. Ouço os mesmos barulhos da cidade caótica, que se instalam nos cantos da minha casa e não me permitem ouvir o silêncio da vida.

Então ouve-me. Ouve o meu silêncio e as pulsações do meu coração. Um coração presente nessa vontade incessante de buscar novos trilhos, de tentar nadar contra a corrente. Maré que me aprisiona e me sufoca, que me limita à superfície, que não me permite afogar. Tortura. A mesma de todo dia. As mesmas respostas. Mesmas palavras vazias. Meu íntimo precisa expor essa angústia que há dentro dessa carcaça que me cerca e que dói. E como dói. Dor que rasga a alma e a faz sangrar; dor que arde no peito; dor que faz lágrimas escorrerem no rosto quando estou afastado de tudo. Apesar de tudo, persisto mostrando firmeza ao lutar contra isso.

Fui obrigado a aprisionar-me no meu próprio mundo, mas sei que é preciso ter essa película de morte para poder suportar as dores da vida. Vida mortal. Só que hoje quero enfrentar de um modo diferente, quero jogar essa película no lixo do universo. Dói fazer isso, mas a gente finge que não dói. Renasço, então, das águas que mergulhei em busca de uma quase dor de uma intensa alegria, caminhando até o limite do meu sonho, firmando-me na mão lisa de Deus. Estou com tanta saudade de Deus que eu poderia morrer um pouquinho para poder conseguir reviver todos os momentos de acolhimento que um dia tive. Mas eu não quero morrer, hoje me recuso ir contra Deus, só morrerei por um desafio. Quero morrer com vida. De eterno e belo, há apenas um sonho. Todo nascimento supõe um rompimento, todo nascimento é uma crueldade, todo nascimento é um recomeço, pois nada torna, nada se repete, tudo é real.



Reza do exílio

Antonio Wesley Teixeira da Cruz

Itapajé – CE | *Campus Umirim*

As horas iniciais de solidude social destruía o emocional do rapaz que deitava seu corpo diariamente sob o sol. O brilhante e atordoado azul do céu entrava em contraste com as folhas de mamão em verde-amarelo que avistava na abertura da janela.

As cantigas dos galos, o alçar dos pássaros vinham como símbolo de esperança naquele período de confinamento. Nos primeiros dias, o fanatismo era a bandeira da verdade, mas o tempo passou tão devagar que a bandeira quebrou, a verdade regrediu e um rezinho chefete na veracidade cuspiu.

Não se sabia mais quanto *time* insulados teríamos de permanecer, pois os avanços de regresso ignorados pelo rezinho chefete só degradava os que viviam à margem.

A cada dia um suspiro, uma eternidade, uma condução direto para incertezas.

Porque a inconstância da vida nos levava para a constância da morte. O rezinho chefete só sabia dispensar seus capatazes, pois iam contra seus ordenamentos mortíferos. E a inconstância da vida continuava em direção à constância da morte.

Os milhões de funções, os milhões de indigentes saindo no telejornal diariamente parecia que o amanhã não existia, parecia que o amanhã só se vendia, parecia que pro rezinho chefete, o amanhã só a ele merecia.



Parte IV - Realidade, estranha realidade

Impasses em meio ao caos

Ivana Cristina Nunes Gadelha Lelis

Fortaleza - CE | *Campus Iguatu*

De repente o mundo parou de vez
Parecendo um tabuleiro de xadrez
Uns agindo com insensatez
E outros tentando ter lucidez.

Não sei explicar o que estou sentindo
Horas quero ficar com meus filhos e marido
Outra hora, tenho saudades dos alunos discutindo
E o conteúdo da aula sendo refletido.

O medo também se faz presente
Afinal, quem quer ter essa enfermidade valente?
Angustia pensar na perda de um ente
E para o resto da vida ele se tornar ausente.

Aos poucos ela vai chegando
A preocupação se instalando
Coração acelerando
As notícias assombrando.

Além disso, tem que lembrar
A cruel situação de alguns irmãos
Que sem ter como trabalhar
Está difícil ao menos ter o pão.

Mas com a solidariedade a aflorar
Venceremos essa batalha com união
A tempestade há de passar
O que importa é a reflexão!



Presidente não sabe o que faz
Se pretende não acumular dívidas
Ou se deixa para trás
Muitas queridas vidas.

Para a mídia tanto faz
O que importa é ser fugaz
Pois qualquer situação
Gera grande repercussão.

Uns querem voltar
Outros querem parar
Tantos querem ir
Vários querem vir,

Mas não vamos julgar
Porque cada um sabe constatar
Onde seu sapato vai apertar
E o calo incomodar

Vamos fazer nossa parte nessa pandemia
Deixar desabrochar a empatia
Tratar do assunto com prudência
E colocar em prática a resiliência.

Que possamos desse vírus nos livrar
Para ele se mandar
Assim podermos abraçar
E as nossas vidas normalizar!

Por fim, vamos rezar, orar
Não importa a religião que acreditar
Ao nosso bom Deus clamar
Para que tudo isso possa passar!

O novo dis(curso) da Humanidade

Larice Gonçalves Lima
Ubajara - CE | *Campus Tianguá*

O desejo de “uma luz ao fim do túnel” fica na sensação do “quase”, em vista de múltiplas faces distintas, mas que não diferem muito entre si; se compararmos as vontades de cada rosto oculto e desconhecido.

A busca por tempos mais amistosos, com a mínima interferência de restrições, proibições e negações, é cada vez mais frequente e menos aparente, e tristemente o que parece ser a solução para inúmeros não passa de uma fútil, senão mínima, sugestão. Mas que para todo mal, haja um bem que sirva de remédio à angústia de corações apertados e atordoados que, assim como a moeda da vida, possuam duas faces, tão opostas e distintas entre si, porém necessárias para composição do todo; afinal a parte sem o todo não é parte, e o todo sem a parte não é todo.

Normalmente, ideias contrárias refletem para um caminho de divergências e, durante esse meio-termo entre o certo e o errado, o ser humano descobre e redescobre-se em um novo tempo, que dificilmente ficará invisível aos olhos daqueles que sentiram na pele a tristeza de dias de aflição, e que choraram e clamavam por socorro, com a esperança da vida; para novamente ser sentida.

É um momento singular, vivido por um planeta que aparentemente já viveu tanto, mas que assim como propaga o velho dito popular “é preciso cair para se levantar”. É preciso contar com múltiplas forças para se erguer lentamente, sem que haja a fútil intervenção de errôneos precedentes tais como: ódio ou a má verbalização que, ao invés de nos auxiliar, confundem e polarizam discursões em detrimento das reais soluções.

Por trás de cada número, temos histórias de vida que juntas constituem o berço de uma nação, ou melhor, “de um povo brado heroico retumbante” que não silencia, mas que segura com os joelhos dobrados mais um momento de sofrimento, na esperança de tempos fartos e abundantes.

Cada dia tem seus próprios males, e tudo tem seu tempo e ensinamento, é naturalmente durante o curso da humanidade. Não conheceremos o valor da alegria se não soubermos a dor que nos traz a tristeza, são faces opostas em um mesmo campo de batalha. É difícil lidar com emoções, sejam elas boas ou ruins,



mas são elas que nos tornam humanos, capazes de lutar por dias melhores, a fim de recolher múltiplas partículas que são invisíveis a olho nu, mas altamente sensíveis ao corpo humano.

Um vírus foi necessário para nos mostrar que não é preciso ser um super-herói para mudar o curso de um presente colapso, mas para ressignificar o sentido da vida e da esperança que habita em cada um de nós. A frase “juntos somos mais fortes” atualmente não é complemento sem sentido. Pelo contrário, nunca fomos tão fortes estando separados, nunca fomos tão juntos apesar de distantes, em vista a insegurança do movimento seguinte; pois cuidar do próximo nunca havia sido tanto, como a cuidar se si mesmo.



[Sem título]

Antonia Mônica Pontes Cunha
Frecheirinha - CE | *Campus* Tianguá

Foi em 2020, que a pandemia aconteceu
Nos deixando com tristeza,
E a esperança de muitos já morreu.

Se ligo a TV, para tentar esquecer,
As notícias não deixam o desânimo morrer.
Tento ler um livro, e as vezes até escrever.

O problema não dá pra esquecer nem resolver
E o governo só me faz perceber,
como tá longe da pandemia desaparecer.

O momento é delicado.
A educação tá abalada.
As criança e jovens estão todos preocupados.

Termino essa rima,
Dizendo pra você,
Confia em Deus, pra esperança não morrer.

Percepções sobre o isolamento social e o covid-19

Élen Lidia Feitosa Rodrigues

Itapipoca – CE | *Campus Fortaleza*

Covas abertas e sonhos enterrados, gritos silenciados de desespero ecoam nos corredores de hospitais e famílias impossibilitadas de despedidas. Estão todos separados por grades e portões fechados, as ruas estão vazias e tudo o que se ouve são murmúrios de fique em casa. O sorriso no rosto foi coberto por uma máscara e a expressão tornou-se medo. Os dias da semana ainda são os mesmos, mas a sensação é de ser domingo todo dia. O sono tornou-se desregular, a rotina mudou, mas a hora parece que não passa. Já não é possível o contato físico, os abraços foram desfeitos, manter distância é sinal de cuidado.

Não há remédio que cure a pandemia neste momento, tampouco remédio que cure a solidão dos que estão isolados. As ações de solidariedade cresceram, mas os idosos preocupados que veem este episódio, será o fim da vida? Olhos marejados que olham o tempo implorando por esperança. A tristeza sopra os dias a cada nova suspeita.

Cartas de demissões sendo assinadas, aulas suspensas sem período de volta, um caos afeta a sociedade e é a vida das pessoas que está em risco. A economia desce e o risco sobe. Uma linha vermelha que foi traçada, e qualquer escolha errada alguém se vai, dependentes um do outro em todas as circunstâncias. Consciência, máscara e álcool gel são as armaduras para um combate e a incerteza se sai ileso, mas prevenir e se cuidar é unir forças para continuar na luta.

Os dias passam e os números aumentam. As pessoas agora são números registrados em sistemas, não são mais humanos. De um lado da luta dos profissionais de saúde, e do outro um governo que luta pela volta da economia descumprindo as recomendações. Difícil saber até onde a humanidade caminha quando ao certo já não se tem apoio de quem deveria. Crise política presenciada no meio de uma pandemia, saúde posta na mesa para ser banquete dos superiores.

A crise de ansiedade aflige as pessoas, a insegurança consome os dias, a saúde mental também está comprometida e todo cuidado deve ser tomado. Por um lado solidário, mostra-se pessoas doando seu tempo para outras pessoas



como gesto de empatia, alimentos distribuídos, conversas online, uma compra para um idoso. São momentos difíceis para todos, e todos se mantêm conectados, unidos à distância.



Realidade

José Iven Costa Rodrigues
Ibiapina - CE | *Campus Ubajara*

Estou bastante preocupado com a realidade
porque são muitas pandemias para minha sociedade.
A doença do medo e o medo sem cura.
Família em casa é nostalgia pura.

Faz tempo que estou com um nó na garganta,
mas quando falo disso ninguém mais se espanta.
Oprimidos pela própria incapacidade.
Nos ensinam ser movidos pela ansiedade.

Eles mandam meu pai ficar de quarentena.
Porém 600 reais não resolvem todo o problema.
Nós já conhecemos o final da cena.
São fotos de passos que não mudam o tema.

Sem estrutura para terminar esse texto,
mais um dia se passou e afundou o cesto.
Eles trabalham em torno de uma só previsão.
O filho pergunta ao pai onde está o pão.

Não me julgue por estar falando a verdade.
Mas não quero ser considerado um covarde.
Onde moro tem gente que não tem mais comida.
Então me fala quanto vale o preço da vida.

Muitos com nada, poucos com tudo.
Sempre foi assim a rotação do mundo.
Distribuição do PIB totalmente errada,
divisão da crise sempre na mesma pontada.



Não adianta conversar sobre o atual
sem fazer a citação do passado real.
Não adianta falar sobre a quarentena
se somos nós que iremos pagar por toda a pena...

Relato de uma pandemia

Daniela Mouta Melo

Boa Viagem – CE | *Campus* Boa Viagem

O ano é 2020. Para muitos só mais um ano que se inicia, para outros um novo ano cheio de oportunidades, de metas e de sonhos. Um ciclo que começa a todo vapor no corre-corre do dia a dia. De repente já é fevereiro, os adeptos do carnaval estão ansiosos para festejar, e festejam, mesmo antes da data. As cidades estão movimentadas, a circulação de pessoas é intensa, o comércio está eufórico, estão vendendo muito! Mas o carnaval não dura pra sempre, ele também acaba, e acabou.

Chegamos em março, um mês que para alguns tem muito significado, muitos cristãos já se preparam para vivenciar a Semana Santa, uma semana forte. Só que a Semana Santa é em abril! Mas acredite, eles começam a se preparar cedo, a entrar no espírito deste momento tão importante para sua fé. Mas março teve uma surpresa para todos, surpresa que veio para desfazer todos os planos deste novo ano. Uma pandemia se instala no nosso meio, sim uma pandemia, a do covid-19.

É abril, o medo e o caos tomam conta das cidades, de todas as cidades. De repente, um povo livre e acostumado a ir e vir a hora que quiser tem que entrar em isolamento, é impedido do convívio em sociedade e mais, todos devem usar máscaras, não se pode nem mesmo sorrir para ninguém; esse sorriso não será visto, ele está coberto. E sabe a Semana Santa? Não pôde ser vivida como de costume. A cidade agora está parada.

Já é maio. Já? Sim o tempo passou voando. Entramos no quinto mês do ano, neste já é possível ver o resultado de uma pandemia. É desesperador o resultado. Milhares de vidas perdidas, corpos sendo enterrados em valas comuns e com máquinas, quando não são perdidos em meio a tantos. Avós não podem chegar perto dos netos, pais não podem acalantar tranquilos seus filhos. A fome se instala na população mais carente. Cada vez mais as diferenças sociais e a exclusão tomam evidência. Agora são duas classes, as que podem e as que não podem pedir delivery. Isso dói!

Ver famílias perdendo os seus entes, idosos e crianças chorando, é de cortar o coração. Médicos fazendo o que podem e o que não podem para salvar o maior número de vidas, e adoecendo ao fazer isso. Igrejas fechadas, aulas suspensas, alunos prejudicados, bolsas de iniciação científica, de mestrado e de doutorado sendo também prejudicadas. Porque de uma forma ou de outra, tudo é prejudicado.

Diante de tanto acontecendo, há aqueles que brincam, que fazem piadas e memes, sem se dar conta que a situação realmente é séria. Junto a essa calamidade, como se não bastasse, se instala também uma crise política, os ataques entre grupos começam. O descaso dos maiores para com os menores é evidente.

Sabe aquelas metas para o ano novo? Elas foram desfeitas, e desfeitas de uma forma cruel. Os noticiários adoecem as pessoas, porque são números, e não é qualquer número, são vidas. Todos andam como se estivessem sendo perseguidos, e por algo que não é possível ver.

Toda essa situação deveria ser refletida. Ver que se afastar agora é um ato de amor, que tudo aquilo que tinha antes depende de cada um pra ter de volta. Parar de propagar más notícias e passar a observar as coisas boas. Ver que apesar de tudo que está acontecendo, as flores continuam a desabrochar. Que se olhar para o nascer do sol, ver que ele continua lá, lindo. Ver os diversos tons de verde que a as plantas nos oferecem todos os dias.

Para hoje, ter mais empatia e ser solidário mesmo que de longe. Quando tudo isso passar: dar mais valor à família, a conversa aleatória com os amigos, abraçar e dar muito carinho e executar projetos e planos serão prioridade. Agora, bom, agora é isso, tentar se adequar a situação, sorrir com os olhos e abraçar virtualmente, se afastar para aproximar. Uma coisa é certa, é impossível passar por um momento como este e continuar a mesma pessoa.

Rastros da coroa (corona)

Maria Lopes de Araujo
Iguatu – CE | *Campus Iguatu*

I

Tudo começou na China
No extremo oriente
Uma nova infecção
Muito rápida e potente
Tendo origem nos morcegos
Se espalhou rapidamente

II

Mas a China era longe
O vírus não se esperava
Logo chegou à Europa
E nos voos se transportava
Em março aqui chegou
A alguns contaminava

III

Começou o desespero
Todo mundo se cuidando
Álcool em gel virou escudo
E o povo se mascarando
Para evitar o COVID
Que aos poucos ia matando.

IV

Decretou-se “quarentena”
Termo criado em Veneza
Cidade italiana
No tempo da realeza
Peste Negra dizimava
Escravos, servos e nobreza.



V

Primeiro atacou São Paulo
Subindo ao Ceará
Golpeando o Amazonas
Atormentando o Pará
Unindo Norte e Nordeste
Para medidas tomar.

VI

Luiz Henrique Mandetta
Sendo Ministro então
Organizou sua equipe
Agiu com lógica e razão
Mas sua serenidade
Desagradou ao patrão.

VII

Foi logo menosprezado
Em suas claras medidas
As ordens de isolamento
Quebradas e desmentidas
Pelo Chefe da nação
Em seus atos genocidas.

VIII

No meu caso pessoal
Lotada em grupo de risco
Hipertensão arterial
Na coluna hérnia de disco
No peso um S.O.S
Retratado em chá de hibisco.



IX

Comprei logo duas máscaras
Tranquei-me dentro de casa
Pouco vezes eu saía
Quando isso ocorria
Meu rosto ficava em brasa
Pelo puxado nas orelhas
Pela máscara que as arrasa.

X

Preparei litro de mel
Caixa de Ivermectina
Em dúvida se estocava
Alguma de Cloroquina
Mas era tudo tão incerto
Um palpite em cada esquina.

XI

Chás de gengibre e limão
Na internet a pesquisa
Sustos a cada segundo
A Rede Globo à guisa
Da notícia pró-terror
Mesmo em linha concisa.

XII

“Morreram mil em tal canto
Duas mil nos Equador
Mais de dez mil na Europa”
COVID a tocar terror
Levando ateu a rezar
E a suplicar ao Senhor.

XIII



Mas nisso tudo se viu
O peso da economia
O quanto de gente pobre
De geladeira vazia
No nosso meio calada
Na miséria padecia
Que para os enxergar
Só mesmo com a pandemia.

XIV

Navegando na internet
Lendo a nossa realidade
Muitos ricos, tantos pobres
País da desigualdade
E o COVID abalando
Com sua letalidade.

XV

A pandemia também
Atacou o consumismo
O modo de querer tudo
Afã do capitalismo
A multidão em sandice
E o mundo no prejuízo.

XVII

A pandemia nos lega
Um trato de igualdade
A doença não escolhe
Por cor, status, idade
E que o mundo precisa
Praticar a humanidade.



XIX

A máscara no rosto então
Fala em sua sutileza
Precisamos atentar
Abrir a mente à clareza
Ouvir os sons que nos cercam
Respeitar a natureza.

XX

No fim de tudo enxergamos
Que a pandemia foi dedo
A indicar reflexão
Sobre a vida e seu enredo
O planeta a se dobrar
Com esse choque de medo

XXI

Mas o maior dos legados
Foi o reinventar a vida
Amar mais, mesmo de longe
Ver a prole reunida
Todos juntos numa mesa
No horário da comida.

XVIII

Reconhecer a loucura
Que tem sido essa corrida
Rotina que se dilui
Desqualificando a vida
Ambição que atormenta
Vil, banal e descabida.

XIX

Por mais que haja projeto



De crescimento ao viver
É prudente que os humanos
Procurem se esclarecer
Que é na simplicidade
Que o mundo vai florescer.

XXII

Deixando grandes lições
E as nações vão melhorar
Cuidando mais do que importa
E a morte veio avivar
O ser que adormecido
Precisava acordar.

Entrega

Lourdes Maria Silva de Assis
Fortaleza – CE | *Campus Fortaleza*

Avenidas paradas, lojas fechadas, ruas vazias; assim estamos a tantas semanas que já perdi as contas. Antes aqui, na calçada do hospital, era um barulho de multidão e trânsito amontoado na correria rotineira, como uma colmeia atijada de máquinas fulminantes. Todavia, pelo medo da doença que surgiu, as pessoas se resguardam em casa; tornando a agitação em acinesia com gente de máscaras coloridas.

Porém nem todo mundo pode ficar em casa na quarentena, e assim, em meio aos visitantes do hospital, com seus olhos desconfiados por cima das máscaras, como se suspeitassem da contaminação alheia, eu e mamãe esperamos a enfermeira atender o celular para lhe entregarmos as encomendas. Pois, com dois pacientes de covid-19, restringiram a entrada. Essas entregas da mãe eram os poucos momentos que eu saía de casa, para segurar os bolos enquanto ela dirigia; observando as ruas tão familiares se tornarem quase inabitáveis com o comércio fechado.

Na rua à direita, há um banco com uma fila enorme cercando o quarteirão, de pessoas tão próximas que suas sombrinhas se batiam ao sol, todas na espera do auxílio por não poderem trabalhar. Escuto meus pais falando sobre o medo de não saberem até quando isso vai dar, aliado à necessidade, faz com que parentes sem trabalho e salário arrisquem angustiados a vida por emprego, por comida na mesa, como os meus fazem enquanto os preços do mercado sobem. Portanto, não é de se espantar que as áreas mais pobres mostram os maiores números de mortes.

Então a enfermeira atendeu o telefone, e falou ao porteiro que permitiu que mamãe entrasse com os bolos. E ao esperá-la, percebi uma senhora saindo chorosa de lá, um grupo se formou ao redor dela, xingando a torto e a direito enquanto esta parecia inconsolável. Tentei me aproximar para entender o que acontecia, parecia que algum familiar seu estava internado, não sei se de corona vírus; mas minha mãe voltou e fui ao carro, pensando que, além dos números de mortos que aparecem no jornal, há dezenas de lágrimas derramadas.



Em outra hora, isso me parecia algo distante, acontecendo apenas nos jornais, porém após entrevistas de médicos e estudos prevendo centenas de milhares de mortes caso nada fosse feito, era cada vez mais inevitável não ser tomado pela ansiedade.

Esses medos econômicos ou de perder alguém se alastram a todos em minha volta, como o marido da vizinha que fica cada dia mais atribulado, fazendo minha avó checar o casal diariamente, por temer acontecer alguma coisa enquanto a mulher costura, enfurnada, centenas de máscaras para ganhar seu pão. Já o marido, desempregado, tem manchas no corpo e um humor ansioso, assim como o meu. Parece que seu corpo dá sinais de alerta da falta de todos aqueles cheiros, cores, rostos e sons vindos da janela do ônibus, do trabalho, da escola.

Essa saudade de tudo como era antes, também me invade, ao lembrar dos pequenos planos, mas agora isso se mistura com o medo de ver a fila do banco de um lado e a família chorando na calçada do hospital de outro, como cenas complementares de um grande problema. Situação que não se restringe apenas na doença, mas também na falta de políticas públicas adequadas que faz com que as pessoas se arrisquem.

E qualquer pessoa desamparada é um risco para outras ao redor, o medo de ir ao trabalho todos os dias assola médicos e caixas de supermercado; as festas precisão de entregadores e domésticas para cuidar de sua bagunça; pois ninguém é imune. Todos são responsáveis. Assim, é como se todos estivessem no mesmo barco, alguns na parte mais alta e outros embaixo, mas se naufragar todos vão cair na água.

O combate contra um gigante invisível

Luiz Diego Farias Mota
Tururu - CE | *Campus Umirim*

A pandemia do Covid-19 não foi a primeira tragédia
Enfrentada pela nossa nação, tivemos Mariana,
Brumadinho, Chapecó, dentre tantas outras
Que fizeram do sofrimento e da dor
Uma união de forças, solidariedade e amor.

O Corona vírus nos ensinou a amar sem medidas,
Mostrou o valor que se tem uma vida,
Aos poucos o mundo se ajoelhou diante
De um gigante que no silêncio se aproximou,
Um inimigo forte, invisível e rápido que não respeita
Barreiras ou condição social, o rico e o pobre
Estão sujeitos a esse mal.

A chegada do isolamento social
Provocou grande impacto na população,
O mundo que não parava diante de qualquer situação
Se rendeu a um vírus que avança continentes,
Sem fronteiras ou dimensão.

Ao ligar a tv e assistir a toda programação,
Encontramos notícias, descobertas e precauções,
Contra um vírus que destrói vidas, famílias, sonhos
E assusta a todos os cidadãos, nesse excesso de informação
Sofremos com medos, angústias, ansiedade e depressão.

Encontramos nas portas dos hospitais,
Parentes aflitos em busca de um leito de UTI
Para aqueles que o vírus veio a atingir,
Lágrimas de sofrimento a todo momento,



Quando chega a notícia de um falecimento.

O desespero se torna maior quando
O contato com o parente é restringido
E o sepultamento é feito sem nenhuma
Despedida para aquele pai, filho, irmão ou amigo.

Em meio a um caos, podemos observar,
Com carinho e gratidão aqueles que se destacam
Como heróis da nossa nação, profissionais da saúde
Que lutam contra um vírus que abrange a toda população.

Nesse combate incessante faltam equipamentos,
Leitos e reconhecimento, mas em compensação
Surge força, fé, solidariedade e ação. A esperança
Se torna aliada daqueles que choram a dor da perda
Em meio a essa árdua caminhada.

Cunhada popular

Vicente Rodrigues de Oliveira Junior
Limoeiro do Norte – CE | *Campus* Limoeiro do Norte

Moro em uma cidade pequena do interior do Estado do Ceará, com aproximadamente 60.000 habitantes, onde todo mundo se conhece e as notícias rolam mais rápido pelas vizinhas do que com a internet.

No início dessa pandemia da corona vírus, como era já de costume, aos domingos sempre tem muita gente na minha casa, principalmente da família da minha esposa, pois tem muitos irmãos (17). Uma das minhas cunhadas é muito popular, ela ajuda muita gente e, como a rua dela é um beco sem saída, os vizinhos sempre estão reunidos, com muitas festas em comum.

No primeiro domingo de março, tinha umas 24 pessoas na minha casa, rolando muitas brincadeiras, músicas, jogos de cartas, banho e churrasco. Ninguém estava usando máscara e não estava nem aí para a corona. A minha cunhada popular já estava se queixando de gripe, mas como era pouco, o pessoal nem reparou.

Quando foi na terça, minha cunhada popular apresentou todos os sintomas da covid-19 e fez o exame, o qual deu positivo, tanto ela como o esposo, a filha e o genro. Em uma velocidade super-rápida, todos os vizinhos do beco sem saída não saíam mais de casa, nem ligavam para ela, ficou em total isolamento, e o resto da família também se isolou.

A única que andou na casa dela foi uma irmã atrás de dinheiro, antes muito popular e agora esquecida por todos, sem ao menos ter uma única ligação de carinho ou afeição. Logo toda a cidade já sabia do caso de covid no beco sem saída. Eu já estava conhecido como o cunhado da mulher que estava tal doença.

Passaram-se os 14 dias de quarentena, mas mesmo assim todos os vizinhos ainda estão morrendo de medo, mas os familiares aos poucos estão retornando a vida normalmente. Essa pandemia veio também para mostrar que em muitos casos, os povos só pensam neles mesmos.

Sentimentos do isolamento social

Gabriele Gomes Ferreira

Carnaubal – CE | *Campus Tianguá*

O que fazer quando, diante do ano em que foi planejado com inúmeras metas, projetos e sonhos, somos surpreendidos com uma realidade pandêmica e que se faz necessária a prática do isolamento social? Realidade essa que muitas vezes consideramos tão distante de nossas vidas. Diante de tal situação, podem ocorrer questionamentos dos quais: se vale a pena sonhar, planejar e esperar por um futuro próspero.

É comum se sentir um fracassado neste período em que nossos projetos foram “paralisados” ou modificados devido à realidade atual. Também é comum que, em meio as redes sociais, plataformas que estão sendo usadas com muito mais frequência, e aos influenciadores digitais ocorram cobranças de produção para consigo mesmo. Parece óbvio, mas o que muita gente não sabe é que, diante dessa situação, não basta apenas manter a calma, a paciência e a resiliência. A prática do auto perdão se faz necessária.

Diante disso, é completamente compreensível que haja a perda do hábito matinal e você abra os olhos para um novo dia às 02 horas da tarde, ou até mesmo acompanhar o dia amanhecer. Saiba também que não é um crime caso você tenha saído da dieta todos os dias da semana. Além disso, ainda há aqueles que estão trabalhando dentro de suas casas e estão tentando se reinventar e se adaptar à nova rotina. É importante lembrar que nesse aspecto também é compreensível caso você não execute o seu trabalho da maneira como gostaria.

Aos estudantes, nossa classe tão sofrida e pressionada, classe essa que não basta apenas carregar as expectativas dos pais, como também dos professores, e do futuro que nos espera, saibam que o auto perdão se faz importante, também. Não é só você que lê o livro pela metade e desiste, que começa a fazer um curso online e até mesmo esquece de continuá-lo no outro dia. Além disso, é comum que haja surtos, lágrimas e estresses.

No que se refere ao auto perdão, essa prática vem a ser significativa até mesmo quando tomamos atitudes das quais nós não esperávamos, como se estressar com o irmão, com os pais, ou até mesmo com seu parceiro. Ora, nossa vida corrida, cheia de informações e contas para pagar, nunca nos permitiram um

contato intenso e frequente com aqueles que convivem dentro de nossas próprias casas, porque muitas vezes o único contato é ao final do dia, na hora de ir dormir e preparar-se para a correria do outro dia. Não basta só conviver, estamos sendo obrigados a nos reinventar e até mesmo a tolerar o que considerávamos intolerável.

É importante reconhecer que se você tem um lar, internet, conforto e uma alimentação diária, você tem o bônus do isolamento social. Visto que no barco do surto, do estresse e da intolerância, ainda há aqueles que sequer possuem conforto, higiene e alimentação básica. Ou seja, no menor sinal de irritação é conveniente lembrar que o básico nós já temos, e com o básico, podemos nos reinventar, adaptar e aprender a conviver com o próprio eu e as diferenças alheias.

Com isso, produzir 20% a cada dia sem pressão e sem cobrança se tornará prazeroso e inovador, abrindo espaço para cuidar da nossa saúde mental e adquirir hábitos que nós não tínhamos tanto tempo antes, como: meditar, fazer exercícios físicos sem pressa, conversar com nossos pais, fazer vídeo chamada com pessoas queridas e fazer aquele curso que não precisa ter ligação alguma com a faculdade/trabalho que você tanto quis. Com o tempo, assim como eu, você irá acordar todos os dias e lembrar que as coisas estão ficando mais fáceis na convivência, na paciência, na leveza e até mesmo na fé para os próximos dias que virão.

Por fim, o isolamento vem a ser uma montanha russa, com uma boa proteção nos bancos que nos permite sentir variadas sensações, desde a calma até a sensação de desespero e pânico, contudo ciente de que o desespero tem fim e você terá uma experiência a mais para o currículo da vida. Ademais, quando o pânico, a ansiedade e até mesmo o estresse vierem, lembre-se que seus bancos estão bem protegidos, não são todos os parques de diversão que possuem este bônus.



Parte V - Percepções subjetivas e recomeços

Cacarecos

Amanda Gonçalves Alboino

Fortaleza – CE | *Campus Iguatu*

Em algum momento da vida, comecei a guardar fragmentos da minha passagem por este planeta. No começo eram palitos de picolé, ingressos de cinema ou uma flor que encontrei a caminho da escola. Não sei exatamente o motivo. A sensação é de que se eu juntasse certos objetos, eles poderiam contar a minha história em vez de mim. No final, eu teria um baú cheio de cacarecos para meus netos darem conta de todas as histórias que aquelas coisas contavam.

Mas acho que não teria como ninguém adivinhar que aquele palito foi de uma noite que meu pai, depois de me buscar no colégio, desviou do caminho que ele geralmente fazia para casa e parou numa farmácia para comprar picolés para nós dois. Sentamo-nos na calçada e conversamos sobre qualquer assunto sem importância antes de pegar o trânsito caótico de Fortaleza novamente.

Não haveria como saber que minha mãe raramente ia ao cinema. Os ingressos foram de um dia histórico que conseguimos reunir minha avó, meu pai, minha irmã, ela e eu na mesma sala de cinema para assistir a um filme, com direito a pipoca e tudo. Minha avó disse que preferia ter assistido um filme de amor.

Definitivamente ninguém imaginaria que eu guardaria aquela flor no dia em que achei que tivesse matado o jasmim da índia da minha rua. Aquelas flores já tinham enfeitado várias brincadeiras infantis. Coloquei aquela pequena amostra do jasmineiro dentro de uma agenda com poemas que eu não mostrava pra ninguém.

Com o tempo, passei a guardar sentimentos traduzidos em bilhetes, cartas, dedicatórias e cartões. Algumas palavras só tiveram ida, enquanto a reciprocidade de outras me fez acumular bolos e bolos de cartas escritas à mão. Apreendi a não me apegar tanto aos objetos e passei a me dedicar mais aos momentos em que eu estava plenamente presente em cada um deles.

Nada contra quem ainda tem esse costume. Eu mesma ainda tenho uma caixa cheia de trecos na casa dos meus pais contando histórias que eu já nem lembro. Não importa. Hoje eu sei que nenhum objeto pode contar quem eu fui



nesta vida. Só quem pode fazer isso são as pessoas que me têm guardada em algum cantinho em meio aos cacarecos da memória.



Poesia azaleia

Milena de Sousa Lima

Ibiapina - CE | *Campus Tianguá*

Ao ver aquele sol,
flores a sorrir
aquilo que não se percebia
toma conta do lugar,
sinto um vazio,
um frio como se não fosse passar.
E aquilo que não se
percebia toma conta do lugar.
Eis aqui
o perfume daquelas belas flores,
os raios daquele
sol estonteante e, por um instante
esqueço...
Ainda são dias difíceis.
Mas não há dias sem
espinhos,
escolha florescer
onde houver
espinhos.

Esperança

Gessyka de Sousa Silva
Fortaleza – CE | *Campus Acaraú*

Meus lugares de paz são como opostos de uma mesma ilha: ora estou em um, ora estou em outro. Transito e sou transportada de uma ponta a outra, ora por força das circunstâncias, ora por força de um querer mudar.

Um lado é como o Mar de Dentro de Noronha, pacífico e calmo, de águas claras e alegres a desvelar um colorido vibrante. Sem nem pensar, ponho máscara, corro para a água e mergulho o máximo que posso. Aciono todos os meus sentidos e vivo o mais inteira possível, com consciência e sentidos fundidos na experiência percebida.

O outro é como o Mar de Fora, bravo e agitado, de águas turvas e tristes, com ondas ferozes a desvelar tons de cinza. Nado para a terra, respiro fundo, sento-me na areia e observo. Desgrudo meu eu-consciência de meu eu-sentidos e do chão firme jogo uma corda com uma de minhas boias para a parte de meu ser que experiencia a tormenta. É que ainda não aprendi a me salvar sozinha estando inteira nesse mar revolto. Ouso dar pequenos mergulhos na beirada, mas apenas agarrada a esta corda ancorada bem firme à terra, segura de que assim não irei me afogar na melancolia e no lamento de dor por tantas perdas e saudades.

De fora desse mar, é menos duro aceitar suas perturbações. Não me desespero, acolho-as, deixo-as ficarem pelo tempo que precisarem. Se preciso for, acrescento lágrimas nesse oceano, lanço-me mais boias e espero que a dor passe. Aprendi que sempre passa.

Enlutei rapidamente pelo “antigo normal” sem quase negar nada ou negando quase tudo, deixando de lado as coisas que pertencem ao lugar de fora do meu controle, ocupando-me apenas de meu pequeno universo particular.

Em pouca raiva me detive, pois não havia tempo, rápidas medidas precisavam ser tomadas. A ordem era se adaptar e o que barganhei foi apenas a aceitação desse “novo normal” sob a condição de que ele fosse temporário.

Sem ter como prever se este seria ou não o contexto de minha morte ou de meus entes queridos, não me detive por muito tempo nessa questão. Deixei-as no cantinho dos mistérios das coisas que não sei.

Resolvi o medo e o lamento pelos inúmeros desconhecidos meus que já estão partindo na base da fé. Uma crença compartilha por tantos, mas esquecida por muitos de que a morte nada mais é que um processo de transformação da matéria e do espírito. Uma crença de que eu, aqueles que amo e os que nem tive a chance de conhecer, de uma forma ou de outra, estaremos sempre no aqui e no agora do tempo presente.

Seja como matéria viva em constante crescimento e metamorfose, agregando alimentos ao corpo, trocando energia com o restante do universo, ou como matéria morta em decomposição de volta à terra, desintegrando-se em moléculas, partículas e nutrientes para, quem sabe, fazer parte de outros seres vivos.

Presente como espírito em corpo vivo, transitando em constante evolução e troca com outros espíritos, ou como espírito de corpo morto, porém imortalizado em memória, conhecimento, cultura, afetos ou mesmo em atos atravessados em outros corpos, porque somos isto: a criação presente de todas as nossas trocas e relações.

Ah... mas não venha me dizer que este isolamento todo não é temporário, pois sinto fome de pele e de cheiro dos outros. Sinto fome de andar, correr e voar por aí... sinto fome de existir fora de casa. Minhas reservas de memórias e o que ainda troco por meio de telas são suficientes para passar com lembranças desse inverno de distâncias e de saudades de quase tudo.

Ah... mas não venha me dizer que tudo isso não é temporário, pois sinto fome de peles e de cheiros e é apenas na natureza impermanente disso tudo que habita minha esperança.



Dúvidas de quarentena

Elidiane Ferreira Serpa
Fortaleza - CE | *Campus Acaraú*

Cansaço.

Até quando vamos aguentar?

O amor já não quer mais impulsionar.

O pesadelo é real,

Que nunca vivemos igual.

Fé.

Até quando ela fica de pé?

Sem o abraço do dia qualquer,

Que reacende as esperanças esquecidas

Nas mentes sofridas?

Paciência.

Até quando ela terá resiliência?

Pois precisa se fazer presente,

Mesmo nos dias mais descontentes,

Para acalmar os corações carentes.

Poesia.

Até quando ela será tua guia?

Nas noites de lua fria,

Para o teu sono ninar,

E um misto de sonhos embalar?

Autópsia do meu último dia como humano

Itallo Raphael Santos Rodrigues
Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

Há tantas coisas que gostaria de contar, e mesmo assim não conto. Pensando bem, eu até que as conto. Talvez não do jeito certo, mas será que existe jeito certo? Aliás, o que é certo? Não sei. Pergunto-me o tempo todo. E esse é o primeiro dia. O fato é que o fato é fato e de fato estou cheio. Em certo momento disseram que a vida é um fato comum e próprio, concreto e abstrato. No segundo dia, escorre-me pelas mãos e azeda-me a língua não saber o que é um fato. Eu durmo. No terceiro dia eu danço. Dou piruetas graciosas em silêncio e também canto as mais belas canções enquanto estou parado. Estar parado é um espetáculo. Estar parado é como tudo acontece. O mundo verdadeiro está atrás dos meus olhos, sangrando e florescendo, perdendo a cor e morrendo para então ressuscitar. Não foi Cristo que ressuscitou no terceiro dia? Eu ressuscito todos os dias. Sei que tem gente que também ressuscita. Todos são Cristos. E eu sou Cristo também. Heresia. Estarei morto amanhã de manhã. Um dia morto. Esse é o quarto. Devagar, muito devagar, quase tão devagar quanto o significado de devagar, eu descubro um novo mundo. O mundo em que nada faz sentido, portanto, sinto-me em casa. Sou distorcido, equiparado a farrapos. Construído e remendado, cheio de enfeites dados por outros que antes não conheci. Agarraram-me nas mãos e disseram: “É isto, nasceu, é meu!”. Não lembro de saber sobre posse, e a primeira coisa que descobri foi que já era um objeto. Nas grandes luzes brancas eu me cego e tenho alguma paz. O desespero mesmo é ver. De olhos fechados, de ouvidos tapados, de boca selada, minha alma não pode ser manchada. Somente minha pele pode. No quinto dia, sou tão pequeno; no sexto ainda tenho a inocência; no sétimo, ainda guardo a pureza; no oitavo, ganho consciência do que tenho; e, no nono, eu quero ser. Ser alguma coisa além do que meu, pois meu não deixei de ser. Pergunto-me quando deixarei de ser meu e se quando acontecer deixarei de ter. No décimo dia eu deixei de ser. Em agonia eu reluto porque sequer me despedi da pureza. Eu fiz o que fiz, porém não pude alcançar o significado daquilo que fiz. Tranquiliza-me ao menos pensar que ninguém jamais alcançará tal significado, porque o significado é intocável - e é intocável por também ter um significado. No décimo-primeiro dia, as sombras

chegam. Estou no início dos tempos, e no início dos tempos a escuridão não faz tremer. É a luz que assusta. No décimo-segundo dia, o tempo começa a devorar faminto o instante que dá. A parcela é a respiração, o juro é o envelhecimento e a morte é o pagamento. Viver é prestação. Nasço e viro objeto? Não! Nasço e estou endividado. Sou um empréstimo feito em condições vulgares, parcelado em caprichos destinados. Pago a dívida em vida: preço bom ou ruim dependendo do dia. Às 23:59 eu me mato. E no décimo terceiro dia eu sou outra coisa, procurando no vazio algo essencial. Se me perguntar o que é essencial, jamais poderei responder essa pergunta. No silêncio do pós-morte me encontro em um estado conturbado de êxtase estático. Daqueles perplexos, complexos e extremos. Não há palavras nesse novo mundo. Eu tento falar e falho. Falhar me é absoluto. Então vejo a luz, e ela me conta que se me pergunto tanto é porque tenho esperanças de encontrar respostas. No final do décimo quarto dia, eu sou esperança. Será que as respostas estão dentro de mim? No décimo quinto dia eu quero arrancá-las, sangrá-las, fazê-las morrer e depois morrer para que então eu nasça. Eu preciso de um parto difícil. No décimo sexto só me resta parir, de novo e de novo algo novo. Estou feliz, estou possesso, sou obcecado. Virei antídoto de todos os males, os males que eu mesmo faço. Estou sozinho, estou solitário, estou desesperado. Eu preciso de um toque, só um toque. No décimo sétimo dia sou quase tudo menos real, pois se ninguém me toca, não existo. Vou partir, mas para onde é segredo. Segredo inclusive para mim mesmo. Voltarei quando os dias acabarem, sabendo que fui inteiramente devorado. Não pelo tempo, mas por mim mesmo. Porque me aproximei demais. Eu sou demais, até para mim. Em um dia do futuro, ou hoje talvez, em uma sobriedade insana, ou em um alcoolismo sadio, penso ou pensarei, que longe de todos, eu pude ser humano.



Senda

Gleivando Magno de Lima

Iguatu - CE | *Campus Iguatu*

Ó, terra dessemelhança do paraíso devastada por um vírus
Ceifador dessa vida, a luta indigesta da humanidade intrépida teimando.
Em dar continuidade a saga, com momentos heroicos, estamos no pórtico da
incerteza.
Ainda não dispomos nem de armas, nenhuma clava, frágil mórbida tristeza.
Humanidade no pranto por todos os consortes desfalecidos sepultados com
tamanha frieza.
A escatologia é uníssona, o por vir será diferente corpos e mentes adaptem-
se.
Mas há pressa para a volta da quermesse o que resta é fazer prece aos santos
dos altares.
Entoemos a voz nem que seja em tom rouco a ajudar os pálidos irmãos do
pouco pão para que menos falte.
A ânsia vivida por esse ser contido é sem parâmetro visto aqueles clamando
e sussurrando
Por um pequeno folego de respiro. No meio a discursos do engodo
permeando a discórdia nos nossos filhos.
Tantas horas agônicas sorrisos escassos, exceto pelos os curados que pequena
festa, mesmo os exaustos lhe prestam.
Força! As angústias também são fiéis passageiras encardem, mas alvejam a
alma depurando feridas libertando das carceragens.



Saudade e esperança

Tailane Maria de Sousa Chagas

Itapipoca – CE | *Campus Itapipoca*

Quando o Sol se põe, se põe também a minha alegria. O anoitecer traz à tona uma saudade apertada, uma saudade que parece sem socorro. Daquela companhia, daquele lugar, de tudo aquilo que proporciona paz e segurança. Antes despercebida, agora ela nos salta ao coração através de sons, sabores, cheiros e outras sensações que trazem lembranças de coisas que nunca imaginávamos sentir a falta.

A escuridão que se aproxima devagar toma conta do meu interior e junto a ela, a saudade, o medo, a insegurança e a dor. O medo da solidão causada pelo isolamento social, onde lidar com si próprio pode se tornar um grande desafio, o medo ao sair de casa todos os dias quando não há o privilégio de ficar nela. E acima de tudo medo de perder um dos nossos para a doença. A insegurança de uma luta contra um oponente invisível, do amanhã imprevisível e do alimento incerto nas mesas. E a dor de milhares de famílias que hoje sentem a mais autêntica forma de saudade. Aquela que de fato não tem socorro. A saudade de alguém que foi embora sem se despedir, e nunca mais retornará. Mas assim como tudo, a escuridão também passa. Aos poucos a luz a dilui e tudo volta a ser claro. Quando o Sol nasce, nasce também a esperança. A esperança de que todo o caos passe logo e a leveza se faça mais presente em nossos dias. A esperança de que muitas vidas ainda serão salvas se os cuidados por mais simples que sejam forem tomados, que a solidariedade despertada neste período permaneça em todos os outros. A esperança de que possamos novamente encontrar, abraçar e beijar aquela companhia, estar de volta àquele lugar e fazer tudo aquilo que nos faz bem com as pessoas que amamos. E quando novamente a luz se fizer ausente, que saibamos mantê-la acesa dentro de nós e que nunca percamos a confiança de que dias melhores estão por vir.

Ela

Francisco Karol de Lima Pereira

Tianguá – CE | *Campus Tianguá*

Ela é como um sopro de paz em meio a todo o caos, um fecho de luz na escuridão. É como observar da beira da praia o movimento das ondas do mar.

Ela é como comida caseira de vó, aquela que tem cheiro de carinho.

Ela é um dia de sol no outono, é chocolate quente em meio ao inverno. É aquela sensação de um mergulho na piscina durante o dia mais quente do verão. É as flores que enfeitam a primavera.

Ela é o aroma daquela sua lembrança de infância mais bonita. É como encontrar dinheiro esquecido no bolso da calça. É como acordar com sono e se dar conta de que é feriado.

Ela é como colo de mãe e aquela sopa quente quando se está resfriado.

Ela é como acordar em dia de natal quando se é criança.

Ela é cobertor quando se tem frio.

Ela é como tirar os sapatos apertados ao fim do dia.

Ela é cafuné, é beijo na testa.

Ela é o gostinho da sua torta favorita que só sua tia sabe fazer, aquela que derrete na boca. É a emoção que você sente quando toca sua música favorita no rádio.

Ela é MPB, aquela música ambiente que se ouve em frente a uma lareira ou voz e violão ao redor de uma fogueira com amigos.

Ela é como sol que se abre quando a previsão é chuva.

Ela é o vento que beija suavemente o rosto.

Ela é a saudade matada após um reencontro.

Ela é como viajar sem rumo ao lado de quem se ama.

Ela é aquela chuva de verão e cheiro de terra molhada que ameniza o calor.

Ela é o suspiro quando falamos de quem amamos.

Ela é... Ela. Ah... Ela.

Que saudades das minhas desgraças

José Wellington de Oliveira Sousa
Ibiapina - CE | *Campus Tianguá*

Aquela força que ecoava dentro de mim já não é como antes, é pobre e maltrata pelo tempo. Aqueles dias adoráveis já não existem mais, e aquele homem tampouco tem forças para se levantar, tudo nele já se encontra em mal estado, até sua alma é devorada pelas marcas do tempo.

À luz do sol sobre seu corpo a muito não se sente, aqueles braços fortes onde um dia fora o refúgio de alguém já não têm forças, tudo que um dia foi lindo e cheio de vida, hoje refletem a Desgraça de uma vida de Perdas e Mentiras.

Todas as vezes que me lembro do que fui, sinto uma Angústia estonteante. O que restou de mim são destroços de um tempo que não volta mais, não serão as rezas daqueles que ficaram que irão me livrar de meus pecados, o que passo agora são frutos de minhas Desgraças e Erros em vida.

Eu não mereço nada, e tampouco mereço o Tempo de alguém, o que eu tinha de dar, já dei e até roubei. Agora existe felicidade de quem rezava por mim e hoje descansa da pessoa pútrida que fui.

Sinto falta de olhar minha face no espelho e dizer o quão forte eu era, mesmo sabendo que não merecia nada, nem uma lágrima. Essa cova onde repouso breve dará espaço a outro desgraçado, nem isso terei como algo meu.

Embora eu saiba de meus erros, e meu espírito como penitência vague eternamente pelo Limbo, só queria dizer a quem tanto me amou e rezou por mim, Perdão, Perdão por meus erros e pelo sofrimento causado.

As horas são infinitas, o tempo que julguei um dia ser meu amigo, hoje é meu mártir, cada segundo é uma Faca atravessando meu espírito desgastado, tenho poucas palavras, o tempo não é bom. Irei... Irei pois sei o que mereço por meus Erros. A vida a mim foi cruel, minha dor será sentida Glória e eternamente.



Céu negro

Valdenice Lopes de Araújo
Viçosa do Ceará – CE | *Campus Tianguá*

Céu negro...

Estou observando o céu como se estivéssemos discutindo pra saber qual é a estrela ALFA de cada constelação,

como costumávamos fazer.

Estou observando o céu e nenhuma constelação parece ter estrela ALFA.

Até mesmo a Sirius, que é a estrela mais brilhante do céu, (depois do Sol) parece se perder entre tantas outras.

Lembro de quando eu te falei do porquê da estrela “intrometida” ser chamada assim e da sua risada em seguida mostrando que era divertido tudo aquilo.

Dos planos malucos de ir ao hemisfério Norte só pra admirar as constelações do Céu boreal,

e é onde estou agora, observando a estrela POLAR, que parece brincar de relógio com as constelações ao redor e eu simplesmente só queria que você tivesse aqui, sobre o mesmo hemisfério,

Eu gostaria de acreditar que a única linha que nos separar agora é a linha do Equador celeste,

É como querer ver todas as constelações em um só hemisfério,

em um céu cinza...



Estrela, cosmos, barro e o Criador

Francisco Humberto de Carvalho Junior

Fortaleza - CE | *Campus Maracanaú*

Em uma noite estrelada, vejo um céu claro e belo. Nessa noite tão linda fico na relva deitado para cima e só a admirar o firmamento, indo até o infinito e retornando para mim.

Nesse tempo não mensurável, lembro de uma música de ninar quando a minha mãe me embalava e o meu pai sorria para mim. Sim, essas lembranças tão minhas e tão escondidas e quase esquecidas. Ouço em seguida uma música tão singela e meiga cantarolada por minha mãe linda como as estrelas, juntamente com o meu pai sorrindo.

Todo o cosmo, os planetas, as estrelas e os astros desse céu que vejo representam detalhes de minha vida desde a minha criação, feito de barro de um oleiro, o Criador.

De suas mãos cheias de barro ele me fez, e ao fazer-me pensou o que eu seria e qual o meu nome.

Ele pensou e pensou: - Serás chamado de iluminado, iluminado por mim, disse o Criador. - Então, serás chamado de Francisco, nome lindo e ele vai gostar! Disse o Senhor Deus brincado com seu barro que era eu. Ele soprou e me deu a vida!

Nascemos através das dores de parto, vivemos entre dores e alegrias, e finalmente morremos entre dores e lágrimas, mas na esperança de reencontrarmos o Criador. Ele então me dirá: - Seja bem-vindo meu jovem. -Eu? Jovem? - Sim, um jovem para mim. E você não se chama Francisco, o Chiquinho dos pobres? - Sim, sou eu mesmo. - Mas, como sabe meu nome dentre trilhões de pessoas? - Ele sorri, e me chama, põe no seu colo e passa docilmente a mão sobre mim, leve e perfumada. Olha para mim, e eu passo as minhas mãos cheias de pecados em seu rosto belo e sorridente, como a da minha mãe e de meu pai. Depois, assobia a música de Chaplin: Smile, e aponta para cima chamando a



minha atenção para uma estrela azul pequenininha, e me convida a olhar profundamente. - Então de olhar focado naquela estrela, vejo-me deitado na relva olhando para cima.

Um verso do andarilho

Francisco Artur da Rocha Herculano

Fortaleza - CE | *Campus Tianguá*

Era um dia vago, quando vagas pessoas caminhavam ao meu redor. O sol sim, bem presente sobre todos. E eu caminhava pela orla da praia, enquanto observava as andorinhas tão felizes, na entonação de seu lindo e distante coral. Foi que avistei aquele hippie, que parou na calçada, e rapidamente lançou, ao chão, suas muitas mercadorias. Tantas coisas trazia consigo, entre histórias e artefatos. Fui andando até ele e comecei a observar tudo que ali havia, ao chão, sobre um fino pano branco.

Das duas uma: ou ele acompanhava meu olhar que expressava profunda curiosidade sobre suas coisas ou, sem outra explicação, lia meus pensamentos. Foi o que senti. Pois em cada uma que eu bastasse olhar, ele me contava uma breve história a respeito delas. Até que parei a vista sobre um lindo coral branco, de aproximadamente uns 10 centímetros. Lembrava uma grossa escama, milimetricamente calculada. Tarefa simples para a imensa natureza. - Essa aí eu consegui de um pescador, que havia se tornado cozinheiro de um luxuoso cruzeiro, então cessou um tanto o seu labor. Ele me disse ter trazido diretamente das águas cristalinas do Mar de Azov, e que por lá todos os frutos do mar e quem desfruta tem mais sorte. Fiquei fascinado com a peculiar forma de falar do hippie. Pondo rima após rima, como um livro de poesias, um andarilho poeta perdido. - É uma pequena região ao norte do mar negro ligado a ele pelo estreito de Kerch. Tem ao norte a Ucrânia, e a leste a Rússia. Ao oeste pode se ver o extenso amarelo das areias mais quentes. Desenhava cada coisa que ele detalhava nas linhas de minha mente.

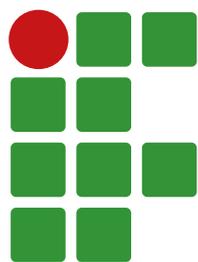
Olhei novamente pro coral. Naquele exato momento, tinha certeza de uma coisa: desejava ardentemente aquele objeto. Guardar comigo pra sempre, embora "para sempre" seja uma palavra muito grande pra quem é tão minúsculo. Quem sabe toda vez que eu tocasse no coral, ouvisse uma linda história distante. Mas sem dinheiro eu estava, nem mesmo bolsos no meu calção restava. Infelizmente tudo ali era para venda. O hippie podia ser um ser iluminado, mas também precisava do poder passageiro do dinheiro. -Eu queria tanto levar esse coral, mas não me encontro com dinheiro. Foi que já bem próximo ali, o tempo fechava.

Ouviu- se um trovão, e seguiu- se mais. A chuva iria cair, e forte. -Fico triste com isso meu amigo, isso devo lhe contar. E bem sabes que sem dinheiro nessa cidade desalmada, não há como me alimentar. Poderia ser que eu conseguisse comprar outro dia. No entanto, talvez eu nunca o visse mais. Ou eu chegaria a vê-lo e ele não. Ou ele me veria, e eu não. E assim se fizesse.

O temporal vinha rápido, com a brevidade do vento gelado. Ele rapidamente começou a juntar suas coisas, e pôr na mochila, ia embora é claro, antes do temporal. Fiz questão de ajudar. O vento batia forte em nossos corpos. - Agora devo ir meu amigo. Pois contam os cronistas que do lado de lá, as chuvas deslizam geladas e intensas para cá. E não há terra sobre terra que deixe de se banhar. Dei um largo sorriso com isso, aquele encontro me inundou de alegria.

Não me sentia assim já havia tanto tempo. Aquele hippie carregava consigo a essência real de muitos outros poetas. - Tome. Fique com essa pedra reluzente olho-de-tigre que consegui da Costas dos Esqueletos, na Namíbia. Um local tão remoto e seco, onde só quem habita são caçadores e coletores seminômades da tribo de Himba. - Não há como medir em agradecimento, tamanha grandeza desse ato. Adeus meu amigo, foi uma honra o ter encontrado aqui hoje. Dito isso, a chuva caiu. Ele seguiu bem rápido pelo outro lado da avenida, com suas coisas sobre as costas. Onde depois de um carro passar, ele sumiu. Procurei por outros ângulos, mas em nenhum consegui vê-lo mais. E a chuva tornava tudo mais turvo. Eu não corri. Fiquei ali onde estava, e a chuva caía sobre mim. Molhava-me, molhava também a linda pedra, que agora já não era mais tão seca. E a observava, sem me importar em molhar-me. Ela parecia brilhar mais forte. Estonteante pedra, raríssima de se achar. - Agora que parei, reflito... Ninguém mais parou para comprar algo do hippie, pelo o tempo que passamos ali. Tampouco pareciam nos ver conversando.

Talvez sejam ocupados de mais para enxergar as raras belezas perdidas. Ou quem sabe, o hippie me viu de longe antes que eu o visse. E sabia que seríamos o único a ver um ao outro, e enxergar a luz da beleza que transcende o tempo, como uns poucos andarilhos que se encontram ao longo da caminhada, ao longo da tão longa estrada.



**INSTITUTO
FEDERAL**

Ceará

Campus
Tianguá